

BRASIL-PORTUGAL

16 DE FEVEREIRO DE 1902

N.º 74

O Papa Leão XIII



SUA SANTIDADE

O ultimo retrato do Papa reproduzido de uma photographia recente
tirada em um dos aposentos particulares do Vaticano

O PAPA LEÃO XIII

A SUA VIDA E A SUA OBRA



Leão XIII, Joaquim Vicente Pecci, eleito 263.º Papa a 20 de fevereiro de 1878. Nasceu a 2 de março de 1810 em Carpinetto, diocese de Anagni, de uma família á qual se arranjou, depois da sua elevação, uma genealogia que vae além do seculo viii (*Finardi et Lisini, Genealogia del Conti Pecci*). Recebeu toda a sua educação nos jesuitas; alumnio do seu collegio de Viterbo, desde a idade dos 8 annos, mais tarde em 1829 do Collegio Romano, que Leão XII acabava de lhes entregar. Teve distincções em todas as aulas; latinitade, versificação, chimica e

phisica, philosophia e theologia. Ainda muito novo, encarregaram-no de dar explicações de philosophia no Collegio Germanico. Em 1831 doctorou-se em theologia. Então, entrou na academia dos nobres ecclesiasticos, onde os fillos das familias patricias se preparam nas diversas carreiras da prelatura para seguir os cursos da universidade de Roma, e fez-se doutor *utriusque juris*. A 16 de março de 1837, Gregorio XVI nomeou o prelado da sua casa e referendario na assignatura. Algum tempo depois, foi enviado como delegado a Benevenuto, onde conseguiu reprimir a pilhagem. Estes primeiros acontecimentos fizeram-o designar para o posto de governador de Perugia. Ahi deu provas ao mesmo tempo de energia, de justiça e de habilidade. A 27 de janeiro de 1843, foi preconizado arcebispo de Damietta, *in partibus*, depois delegado como nuncio em Bruxellas. Ao fim de tres annos, o clima e o trabalho haviam por tal fórma alterado a sua saúde, que se viu obrigado de pedir que o chamassem. Tinha-se insinuado tão bem na estima de Leopoldo I, que este rei sollicitou para elle o barrete cardinalicio. Em um consistorio de 19 de janeiro de 1846, foi nomeado arcebispo bispo de Perugia e feito cardeal (*reservando in pectus*). Administrou essa diocese durante 32 annos, no meio de difficuldades que foram gravemente augmentadas pela annexação do territorio ao reino de Italia. Quando Victor Manuel foi a Perugia em 1860, o arcebispo prelado recusou juntar-se ás auctoridades civis e militares para apresentar as suas homenagens; precedentemente, havia escripto ao rei para protestar contra as ordens do seu governo. Na ordem ecclesiastica, exercia as suas funções episcopales com um zelo, uma firmeza e uma sabedoria que parecem nunca terem sido contestados: multiplicando e reforçando as obras de caridade e de abnegação, vigilando a disciplina e a instrução do seu clero, revivendo para o seu seminario os programas classicos. Gostava de presidir á Academia de S. Thomaz d'Aquino, que fundara em 1859, para preparar os seus clerigos nos exercicios escolasticos. Foi em Perugia que compoz os mandamentos sobre a *Egreja e a Civilisação*, no Concilio do Vaticano, votou a infalibilidade mas sem se distinguir por qualquer exaggero de zelo. A 21 de setembro de 1857 foi carmelita da Egreja romana, cargo que o ligava á Curia e que representa a primazia do seu seminario Collegio durante a vaza da Santa Sé. Depois da morte do Pio IX foi eleito papa, no terceiro escrutinio, e adoptou o nome de Leão, em recordação de Leão XII pelo qual professara sempre uma grande veneração. Para evitar as manifestações compromettedoras, absteve-se de lançar, do alto da varanda exterior de S. Pedro, a benção *urbis et orbis*.

Na encyclica *Aeterni Patris*, de 4 de agosto de 1879, Leão XIII convidou os prelados a restaurar suas dioceses o estudo de S. Thomaz d'Aquino, e muitas vezes, nos seus breves e nos seus discursos, renovou essa recommendação. Proseguindo no que havia encetado em Perugia, fundou a Academia Romana de S. Thomaz d'Aquino, e consagrou uma somma de 300 mil francos á reimpressão integral das

obras d'este doutor, no qual elle admira a exposição racional da doutrina catholica e tambem, escreve elle 'as doutrinas politicas que assegurariam a salvaguarda da sociedade se applicassem os principios do seu ensino'. Convencido de que a razão e a fé, a sciencia e a revelação, podem ligar-se, applicou-se em pedir aos estudos humanos, dirigidos pela Egreja, todos os socorros que estes podem prestar á religião. Foi com esse fim que estabeleceu varias instituições, onde se ministra um alto ensino, e que modificou a Congregação dos Estudos, para fazer d'ella a directoria da instrução catholica em todos os paizes. Por outro lado, affim de utilizar todos os instrumentos e todas as armas que os tempos modernos podem fornecer, busca e acolhe,

estimula, aconselha e anima todos os litteratos e todos os jornalistas, mesmo os *reporters*, dispostos a servir a Egreja Romana.

As maximas d'este papa sobre o direito publico estão systematicamente expostas na encyclica *Inmortalis Dei*, de 1 de novembro de 1855; todo o poder vem de Deus. A soberania já não está necessariamente ligada a uma forma politica; pôde muito bem adoptar-se a esta ou áquella, com tanto que ella seja, de facto, apta para utilidade commun. Mas, qualquer que seja a fórma de governo, todos os chefes de Estado devem absolutamente ter os olhos fixos em Deus, e incluir no numero dos seus principaes deveres a obrigação de favorecer a religião, de a proteger com a sua benevolencia, de a cobrir com a auctoridade tutelar das leis e de nada estatuir que seja contrario á sua integridade. A unica religião verdadeira é a da Egreja Catholica, perfeita em si, não restando senão por ella propria, e da qual uma disposição particular da Providencia fortificou a auctoridade por um principio civil, como melhor salvaguarda da sua independencia. Nas cousas humanas, tudo quanto é sagrado por um titulo qualquer, tudo o que se liga á salvaguarda das almas e ao culto de Deus, seja por natureza, seja pelo seu fim, é da acção da auctoridade da Egreja. Nos tempos em que o sacerdotio e o Imperio estavam ligados por uma feliz concordia e pela troca amigavel dos bons officios, a sociedade produziu fructos superiores a toda a expectativa. E' a Retorma que, pelas suas doutrinas subversivas, amesquinhou essa concordia e esses beneficios. A liberdade de pensar e publicar os seus pensamentos, fórma de todas as regras, é a fonte de muitos males. Excluir a Egreja da vida publica, das leis, da educação da mocidade, da sociedade domestica, é um erro pernicioso. A Egreja julga que não é permitido collocar os diversos cultos no mesmo pé legal de verdadeira religião; no entanto ella não condemna, por isso, os chefes do Estado que, em vista de um fim a atingir, toleram na pratica que esses diversos cultos tenham o seu logar no Estado. Contra a separação da Egreja e do Estado, Leão XIII reproduz e apropria-se da reprovação pronunciada por Gregorio XVI na encyclica *Mirari Vos*. A respeito do que se chama as *liberdades modernas*, todos os catholicos devem acolher-se, com uma adhesão inabalavel, a tudo quanto os pontifices romanos ensinaram ou ensinarem e todas as vezes que as circumstancias o exijam, fazer d'isso profissão publica. Devem tambem esforçar-se por alcançar cargos publicos para fazer prevalecer essas doutrinas.

Tomando algumas d'essas maximas, a encyclica *Libertas* de 20 de junho de 1868 condemna especialmente a liberdade dos cultos, a liberdade de exprimir o seu pensamento pela palavra ou pela imprensa, a liberdade de ensino. No entanto, na sua apreciação maternal, a Egreja conhece o pezo esmagador da inferioridade humana, e não ignora que a liberdade de pensar e publicar os seus pensamentos, fórma de cousas. Por estes motivos, não concedendo direitos senão ao que é verdadeiro e honesto, não se oppõe comtudo á tolerancia que o Estado crê poder usar a respeito de certas cousas contrarias á verdade e á justiça, para cortar um mal maior ou para obter ou conservar um maior bem.

Conforme á tradição pontifical, Leão XIII attribue aos designios insensatos e perversos e a machinacões criminosas toda a opposição á Egreja romana. Na encyclica *Humanae generis*, de 10 de abril de 1854, repartiu todo o genero humano entre o reino de Deus e o reino de Satan, e declarou que na nossa epocha os factores do mal parecem ter-se ligado n'um mesmo esforço, com o auxilio da sociedade dos *Francoz maçons*, para arruinar a Egreja e desbulhar as nações christãs dos beneficios devidos a Jesus Christo. Por consequente, renova e confirma todas as sentenças pronunciadas pelos seus predecessores, para impedir os homens de se filiar n'essa sociedade ou para os determinar a sahir d'ella, e conjura todos os prelados a unir os seus esforços aos d'elle para fazer desaparecer o impuro contagio do veneno que circula nas veias da sociedade e a infesta inteiramente. Ao mesmo tempo, recommenda-lhes a sociedade de S. Vicente de Paulo.

Esta encyclica foi seguida de uma *instrução da sagrada congregação do Santo Officio*, dirigida a todos os prelados do mundo catholico em 10 de maio de 1854. Ella indica os meios de designar as setias perniciosas feridas de censuras, e pro-



A MÃE DE S. SANTIDADE

Condessa Anna Prosperi Bussi



O PAE DE S. SANTIDADE

O conde Luiz de Pecci



Sua Santidade quando era arcebispo de Simão, Nuncio Apostólico em Bruxelas

ral. Eleito Papa, reivindicou constantemente na sua encyclica *Inscrutabili*, nos seus discursos no Sacro Collegio, nas suas allocuções aos peregrinos, e sempre que a occasião se apresentou, o principado citado do papado, e do dominio de S. Pedro detido pelo rei de Italia. Uma carta expedida aos nuncios pelo cardeal Jacobini, em 30 de abril de 1844, declarava que o papa não admitiria transacção alguma, qualquer *modus vivendi* contrario á sua soberania, e que manteria sempre como sagrados os interesses da Igreja e como imprescindiveis os direitos da Santa Sé, indignamente violados. Mas ao mesmo tempo fez sobre este ponto não fazer a minima concessão, abstem-se tambem de toda e qualquer provocação.

Accetta o *placet* e *exequatur*, accetios tambem antes d'elle por Pio IX. Quando se discutia a lei que restabeleceu o divorcio, Leão XIII escreveu em 12 de junho de 1883 ao presidente da Republica Franceza apresentando-lhe os perigos que esse restabelecimento tinha para a França. Logo que a lei foi promulgada, a 29 de julho de 1884, uma nota da França foi enviada, por ordem do santo padre, ao embaixador francez junto do Vaticano. Lembrava a encyclica *Arcanum* e a carta a que me referi, e declarava que o restabelecimento do divorcio não só offendia a consciencia religiosa da nação, mas introduzia entre os deveres do christão e os de cidadão uma contradicção monstruosa, acompanhada de uma manifesta violação do livre exercicio da religião catholica concedida pela lei e sancionada pela concordata. Em uma carta dirigida a todos os prelados da França em 25 de junho de 1885, a sagrada congregação da Inquisição Romana e Universal prohibiu aos advogados e aos magistrados que emittissem, ou pleiteassem para fazer emittir, ou provocar julgamento algum repugnante ao direito divino ou ecclesiastico. A 27 de maio de 1886, um decreto da mesma congregação prohibia aos *marais* que casassem esposos divorciados, e aos officiaes do Estado civil que publicassem e transcrevessem nos seus registos os julgamentos feitos. Visto essas prohibições não terem conseguido senão tres ou quatro demissões, o papa pde constatar a impotencia das armas da Igreja contra as leis seculares. Ordinariamente, elle evita os protestos e as ordens positivas que tornavam manifesta essa impotencia. Contenta-se em mostrar que não approva, que não consente, e reserva-se ou parece reservar-se o beneficio do tempo; por vezes mesmo, interveem para impedir os prelados e os fieis de se entregarem a manifestações e a resistencias que poderiam offender os governos e sobre excitar as paixões hostis.

Diz-se que no dia seguinte ao da publicação da encyclica *Inscrutabili*, Leão XIII concordava com um visitante que comparava-o ao seu predecessor, dizia: «Pio IX censurava as potencias de não accudirem á Santa Sé; Vossa Santidade censura-lhes o não recorrerem ao auxilio da Santa Sé.»

A preocupação dominante do seu pontificado parece ser a de estabelecer o accordo entre a Santa Sé e as potencias. Não despreza occasião al-

guma de lhes mostrar que lhes póde ser util. Uma encyclica de 28 de dezembro de 1878 fez appello a todas as forças moraes do catholicismo contra a propaganda das ideias subversivas. Leão XIII interveem na Alemanha para moderar a opposição dos catholicos e fazer votar o septenato; na Irlanda, para cumprir as agitações e as aggressões dos partidarios da Independencia; na França, para desarmar os partidos monarchicos. O seu breve de 3 de fevereiro de 1892, recommenda ao clero o respeito do governo; declara que a forma dos governos resulta do conjunto das circumstancias historicas ou nacionaes. Todos devem respeitar esses governos e abster-se de tentar destruil-os ou mudar-lhes a forma. Apesar da perseverança e da incontestavel habilidade da sua diplomacia, o papa, logo que obteve alguma cousa dos governos, não recebeu senão uma parte insignificante do que devia esperar. A's vezes, até, as suas medidas suscitavam entre as potencias, desconfianças e conflictos embaraçantes para a Santa Sé. Entre os povos, pouco provavel é que a sua empreza tenha reconduzido ao catholicismo muitos dos que lhe eram hostis ou indifferentes; ella alarmou aquellos que, sem serem inimigos da religião, reprovam toda a intervenção da Igreja na politica. Perturbou e dividiu os antigos partidos que formavam a clientella mais fiel do papado, que, servindo a Igreja, estavam acostumados a servir-se d'ella. D'ahi resultou uma diminuição de fervor que se traduziu na diminuição do dinheiro de S. Pedro, e até resistencias categoricas, principalmente na Alemanha e na França. Uma assembleia da direita catholica, reunida a 15 de março de 1892, reconheceu a necessidade politica que impõe á Santa Sé a acceitação de todos os governos que se succederam em França; mas contestou-lhe o direito de exigir dos partidarios dos antigos regimens o esquecimento da sua fidelidade e a renuncia das suas esperanças. Effeitos analogos se produziram nos mesmos centros pela tentativa de instituir uma especie de socialismo christão. N'estes ultimos tempos Leão XIII trata de coroar a obra do seu pontificado, reunindo á igreja romana todas as igrejas christãs que d'ella se separaram. Mas ás difficuldades, que resistiram precedentemente a todos os esforços d'este genero, juntaram-se, na nossa geração, os obstaculos enormes que resultam das decisões do conehilo do Vaticano.

E. H. VOLLET.

Os monumentos fazem parte da vida dos povos; são a sua historia em letras maiusculas.

ALEXANDRE DUMAS, PAE.

Caracter susceptivel, espirito medioere.

O francez calunhia-se com prazer, quando diz que não nasceu colonizador.

G. M. VALTOUR.

A caridade não deve ser senão o caminho que leva á equidade.

HENRY FOUQUIER.



A FAMILIA DE LEÃO XIII

POLITICA INTERNACIONAL

A ÚLTIMA quinzena teve como acontecimentos mais dignos de fixar a nossa atenção tres grèves monstros, que quasi simultaneamente estavam em Trieste, em Turin e em Barcelona. A manifestação ao mesmo tempo e em paizes diversos de identico movimento de protesto por parte das classes trabalhadoras prova até que ponto assumiu uma gravidade excepcional a questão do operariado, e como a politica dos estados tem de hoje em diante de orientar-se por normas bem diversas das que até aqui lhe imprimiam direção. A escola meramente theoretica das reformas politicas, como condição unica do progresso das nações, tem de succeder a escola mais pratica e positiva, que vá buscar á legislação social o segredo da felicidade dos povos, se é, que esta felicidade pôde algum dia ser attingida. O que é certo é que as reivindicações do operariado contemporaneo tem de ser examinadas, fóra de todos os preconceitos de classe e assim de todas as suggestões do interesse individual, que ellas possam prejudicar. E' uma força nova e incontrastavel, que se torna mister saber aproveitar e dirigir para se não ser por ella derrubado. Abstrahindo mesmo da justiça de muitas d'essas reivindicações, é do interesse dos defensores da estabilidade e da ordem, o attendê-las no que ellas tenham justificavel. Emquanto o movimento de protesto, com effeito, symbolizado pelas grèves representava apenas o desforço isolado d'um pequeno grupo, inutilizado pela inercia dos demais grupos indifferentes e até por vezes hostis, a questão do trabalho pôde occupar apenas o lugar secundario nas preoccupações dos estadistas. Do momento, porém, em que a idéa de solidificação principia a ser difundida entre os grupos do trabalho, começando a esboçar-se a tentativa de uma grève geral, que á mesma hora suspenda a labutação em todas as industrias de um paiz, o aspecto da questão assume excepcional gravidade, e a importancia de semelhante factio sobrelêva a de todas as outras questões, em comparação com esta secundarias; porque se uma grève parcial é facilmente dominavel, uma grève geral, logo que abraça as industrias que se relacionam com as necessidades mais urgentes da vida quotidiana, é invencivel.

Ora as tres grèves da ultima quinzena — a italiana, a austriaca e a catalã, especialmente esta ultima, tiveram o caracter de generalidade, que mais perigosas se tornou, ao menos como symptoms de tristes complicações n'um proximo futuro.

E' demetada politica porisso julgar que um movimento d'esta ordem se ha de combellar com medidas politicas, e que a resolução dos problemas propostos pelas grèves se pôde confiar impunemente aos sabres e ás espingardas.

As classes trabalhadoras, que tem por si o numero, isto é a massa, já comprehendem que na organização das suas forças existe o seguro penhor de victoria. E' apenas com decretos de estado de sitio e cargas de cavallaria, que os miopos governantes na maior parte das nações da Europa julgam poder conjurar a tormenta, que se aproxima?

Das tres grèves, a que nos referimos, a mais seria d'ellas foi a de Barcelona, que, pôde dizer-se, chegou a degenerar em verdadeira revolução. São conhecidos dos leitores, pelo telegrapho e por correspondências particulares, os pormenores d'este movimento, que durante alguns dias teve completamente suspensa a vida normal na capital da Catalunha. Nem mesmo em Espanha, onde as revoltas e os motins de toda a especie são de tão grande frequência, se tinha visto nunca cousa assim. Chegaram, segundo as noticias que temos presentes, a reproduzir-se ali, embora em proporções mais reduzidas, alguns dos lamentaveis episodios da Communa de Paris. Foi uma amostra da revolução social com todos os seus horrores; e tornou-se preciso para dominar os revoltosos o emprego de uma repressão violenta, em que a artilheria teve de intervir como n'uma batalha em fórma. Devido aos meios energicos empregados pelo general Weyler, a revolta que já se lhe alastrava pelas outras regiões da Catalunha foi se pouco a pouco apasiguando, e, se se der credito ás noticias officias de Madrid, tudo entrou outra vez na normalidade, havendo voltado ao trabalho todos os grevistas, inclusive os pertencentes ás industrias metalurgicas, que foram os que principiarão o movimento. Reina a paz em Barcelona, ou antes o ordem.

Ordem de Varsovia, apenas apparente, simples compasso de espera, emquanto novas desordens não estalam; porque ninguém se illudirá a ponto de acreditar que ficou resolvida definitivamente a questão, sómente por tel-a agora o governo hespanhol conseguido dominar pela força.

A questão da Catalunha, já aqui o dissemos n'uma das anteriores revistas, é insolavel e cada dia tende a agravar-se mais. Os elementos que a constituem são muito complexos, pois deriram ao mesmo tempo, de causas politicas, nacionaes, sociais e economicas. E' porisso que a grève de Barcelona nos apparece com uma physionomia á parte, e que a solução que pôde satisfazer os grevistas de Trieste ou de Turin, não conseguirá applicar o descontentamento dos catalães.

Primeiramente e como fundo obrigatório a todas as reivindicações do Principado ha o sentimento nacional, latente emquanto o centralismo de Madrid dava á Catalunha a prosperidade material, mas que se levanta hoje mais vivaz e mais exigente, depois dos desastres militares da monarchia hespanhola. E conjugada com esta revivescencia do catalanismo ha a situação angustiosa de perto de cem mil trabalhadores, que com a perda de Cuba e das Philipinas se viram privados dos dois unicos mercados abertos ás industrias da Catalunha.

E' e' por isso que a questão catalã se nos figura insolavel. Onde ha-de a Espanha encontrar collocação para os productos das fabricas

e officinas, que até agora alimentavam os cem mil trabalhadores que em Barcelona se revoltaram? A prosperidade industrial da Catalunha tinha este ponto fraco — era fundada sobre a exploração privilegiada, graças aos direitos differencias, de Cuba e das Philipinas. Perdidas estas duas colonias, que lhe resta? Nem o mercado interno a industria catalã está em condições de abastecer; porque este mercado está inundado de productos inglezes e allemes, e se amanhã por uma protecção pausal qualquer a Espanha quizer reservar o para as suas industrias periclitantes, virão as immediatas represalias das nações excluidas fechadas os mercados aos productos agricolas hespanhoes, e assim terá a nação vizinha, depois de uma grave crise de industria, um crise de agricultura não menos temerosa.

Como resolver tão intricada situação? Por esta causa no actual momento são mais do que nunca perigosas as reivindicações nacionalistas da Catalunha, porque tem a alimentar-as o descontentamento geral produzido pela situação politica resultante da guerra com os Estados Unidos, e as tristes condições produzidas pela cessação do trabalho n'um grande numero de officinas e fabricas, que não pôdem laborar em cheio como d'antes, porque já não tem quem lhes compre os seus productos. N'este ponto a crise é tanto da responsabilidade dos patrões como dos operarios, ou antes nem uns nem outros são responsaveis por um estado de cousas, que tem causas mais complexas e mais profundas.

Estas divergências do mesmo conflito de interesses entre empreiteiros e trabalhadores vem afinal a harmonisar-se sempre, e logo que as duas partes percebem que lucram mais estabelecendo um accordo por meio de mutuas concessões, do que arruinando-se respectivamente por teimosia intrinseca. No caso presente onde está porém a base do accordo, que dependa dos dois partidos em lucta? Os patrões não pôdem dar maiores salarios, porque as industrias estão arruinadas. Os operarios não podem aceitar as condições que lhes offerrem, porque com ellas não pôdem litteralmente prover á sua subsistencia.

Eis o estado da questão, que bem tristes dias promete ainda á desventurada Espanha.

Chegou á America, onde tem encontrado o mais cordel acolhimento, o principe Henrique da Prussia, irmão do imperador da Alemanha. O motivo ou o pretexto d'esta viagem, que ainda ha poucos dias ninguém seria capaz de prever, foi o seguinte: attendendo á superioridade dos constructores americanos sobre os europeos, inglezes especialmente, tal como se evidenciou por occasião da ultima regata em que o *Columbia*, o campeão dos Estados Unidos, venceu o *Shamrock*, o campeão da Inglaterra, Guilherme II resolveu mandar construir a si um *yatch* á America. Até aqui o caso não apresenta razão a qualquer reparo.

Não contente porém com a encomenda, o imperador, que indubitavelmente tem grande predilecção pelos lances theatraes, e é quando o quer ser um gentilissimo cavalleiro junto das damas, escolheu a occasião para praticar um acto de galanteria para com a filha do presidente Roosevelt, convidando a para ser a madrinha do *yatch*, que se ha de levar ao mar. Tambem este procedimento de Guilherme II, dá a natureza romanesca que todos lhe reconhecem, não tem nada de estranho.

Unde porém a estranheza começa, é quando a mais d'estas demonstrações de cortesia e amabilidade para com a America e a filha do seu primeiro magistrado, o imperador resolve mandar aos Estados-Unidos seu proprio irmão, almirante da esquadra allemã, já por diversas vezes encarregado de diferentes missões diplomaticas, e sem duvida alguma a encarga figura do imperio allemão. E' preciso convir, que por o lançamento ao mar de um simples barco de regata, toda esta *mis-en-scène* representa excessiva sollemnidade...

Que tem em vista com semelhante exhibição Guilherme II? Eis o que a imprensa europea discute e procura adivinhar. Não ha duvida que, desde a guerra hispano-americana as relações dos Estados-Unidos com a Alemanha estavam longe de ser cordaes. Todos ainda se recordam do procedimento do almirante Dieckhoff de Manhate, e como a sua attitude por occasião do bloqueio quasi ali provocou um desforço violento por parte do almirante Dewey. Alem d'isso era corrente, que antes de romperem as hostilidades a Alemanha se entendera com a Austria para promoverem a intervenção europea, que conforme se dizia tambem, sómente abortiu em virtude da recusa da Inglaterra a associar-se a semelhante passo. Todos estes factos, juntos á natural rivalidade de Guilherme II com os dois paizes, explicam o resultado de relações entre Washington e Berlin. E' muito natural, pois, que o imperador se inquietasse com esta situação, a qual podia de repente singularmente agravar-se, se se tornassem mais intimas as relações entre os Estados-Unidos e a Inglaterra. Terá costume a viagem do principe Henrique apenas por fim restabelecer a antiga cordialidade de relações dos dois paizes ou irá mais longe o seu intento, e pensará realmente em retirar os dois paizes de um golpe d'audacia entre as duas nações anglo-saxonias, e separar-as, como conseguiu separar a Russia da Inglaterra, explorando depois em seu proveito as divergencias, que as dividem e que elle tanto tem contribuido para avivar?

E' cedo de mais para se poder responder a esta pergunta. Um breve futuro deixará, porém, perceber o que se encobre sob a viagem do representante do imperador allemão. O tempo dos segredos politicos e dos mysterios diplomaticos passou. Hoje é difficil esconder a verdade por muito mais de alguns dias.

CONSULHEIRO PEDROSO.

A PRINCEZA RATAZZI

E o livro «LE PORTUGAL A VOL D'OISEAU»



ORA, que a pedra tumular cahiu, com o ruído da Eternidade, sobre o corpo examine da princesa Rattazzi, agora, que ella acaba de descer á sepultura, não envolta n'uma simples echo necrológico atira para a valla common de noticiário, mas amortalhada no crêpe dos artigos de primeira classe, entendemos que chegou o momento opportuno de explicar como se fez o *Le Portugal à vol d'oiseau*, livro que tantos azeidumes e tantos odios litterarios concitou, e de realisar, consequentemente, uma especie de reabilitação historico-litteraria.

Seria superfluo traçar a biographia da princesa Rattazzi, porque foi espalhada aos quatro ventos cardeaes pelas gazetas europeas. Um jornal parisiense synthetizava-na nas seguintes palavras: — «Nenhuma existencia foi mais incoherente, nenhum temperamento foi mais contradictorio, nenhuma vontade mais ardida, e mais infimamente intelligente, comprehendendo tudo, assimilando tudo, adaptando-se a tudo... (1) Diziam que possuia alguma coisa dos Bonapartes — o orgão pessoal, o absoluto desprezo dos outros, a impertinencia cesareana; acrescentavam que via o mundo através dos crystaes gemeos do seu *fac-à-main*, sem lhe ligar a minima importancia, e que odiava o vulgar profano, consociado á formula importantissima de Horacio. O que sabemos é que a princesa Rattazzi era tão habil em manejar a pena como a princesa Branhaha, e tanto leque. O que sabemos é que se esmaltava de um talento polyedrico, de uma intelligencia cuja corda dispunha de muitos arcos. Não seria uma Clorinda da litteratura, como queriam uns, mas tambem não era um exêrto vindico de Philaminta corsea em Célmone parisiense, como telimavam outros. Em França, participava do movimento litterario, junto com Taine, Ponsard, Eugenio Sue e Alfonso Karr, que a chamam a *princesa Branhaha*, é certo, mas só depois de ter obtido a sua amizade e de ter collaborado nas suas *Matinées d'Arc-les-Bains*.

Os seus salões de Paris, de Roma e de Florença — onde salpucava a conversação com essa linda poeira doirada, a que Roquepierre chamou e pensava — occupava digno posto nas formulas mundanas. Em Madrid — para onde veio em 1874, com cartas recommendatorias de D. Isabel II para seu filho Alfonso XII — fizeram epocha os seus salões do palacio Montalban, do palacio de Altamira e do passeio da Castelhana, pelos quaes desfilou um exercito intellectual de escriptores, artistas e politicos de renome, taes como: Canovas del Castillo, Sagasta, Castelar, Lopez Dominguez, Castro Serrano, Nuñez de Arce, Romero Ortiz, etc.

Na sua habitação Montalban, accumulavam-se as preciosidades. Havia um cofre de rubis e turquesas oferecido pelo rei de Hespanha, uma *étager* de agatha presentada pela princesa das Asturias, enormes armarios repletos de vestidos com rendas de Chantilly, Bruxellas e *ponto de Inglaterra*; um escarpate cheio de guarda soes e de leques primorosissimos, espelhos de Veneta emoldurados em fios de diamantes, cintos de ouro constellados de diamantes e rubis, adereços de perolas pretas, um cofre de ouro e opalas, e coroa de ouro e de prata conferidas aos trabalhos litterarios da dona da casa. A Rattazzi conservava rendas e pelles riquissimas de todas as princesas da familia Bonaparte.

Possuia uma baixela de prata com as armas dos Bonapartes, um serviço de sobremesa e outro de chá, de ouro cinzelado, que herdara de seu avô Luciano, e esplendidas joias que lhe legara sua mãe, Paulina Bonaparte.

Um dos seus broches, presente de Victor Manuel, teve uma historia accidentada. Foi roubado com outros objectos preciosos e vendido por um ourives de Constantinopla ao sulão da Turquia, que o regalou á imperatriz Augusta. A princesa Rattazzi intentou processo contra o joalheiro, que teve de lhe pagar uma indemnisação emadada em cem mil francos. Todos os sabados offerencia *matinées* na sua residencia de Arc-les-Bains, nos quaes elle recitava recitas theatraes, para o que improvisara um theatro, cujas decorações e adereços comprou á duquesa de Hijar.

O salão da princesa Rattazzi era como que um echo morridoço dos bellos salões litterarios e politicos da primeira metade do seculo XIX. Através d'elle, vislumbrava-se o salão de Madame de Staël, onde ella e os primicias da litteratura e de uma opposição ao Primeiro Imperio alimentava o seu fogo sagrado; o salão de Madame de Camille, onde se vivia uma vida de crystal e onde conversava Chateaubriand, o altissimo pensador, que foi capaz, ao mesmo tempo, dos excessos pagos de Longus e das syndereses christãas, do mysticismo moribundo e do scepticismo frio; o salão de Madame Vigée-Lebrun, que recebeu todos os grandes nomes da litteratura; o salão de Sophia Gay, onde sua loira filha, a *decima musa*, recitava poesias originaes do barão Gérard; o salão, tado por Talleyrand, Delacroix, o maravilhoso conversador Mérimée, Stendhal, os irmãos Bertin, directores do *Journal des Debats*, que disfructavam uma alta importancia litteraria, e a princesa Belgiojoso, notavel por seu espirito, sua formosura e sua excentricidade; o salão de Madame Ancelet, uma succursal da Academia; o salão

da duquesa de Abrantes, onde se encontrava o heteroclimo politico; o salão de Madame Boscardi de Villeroy, por onde outr'ora Robespierre fizera a sua entrada no mundo parisiense e onde Morry principiou a evidenciar-se pelo espirito e pela elegancia; o salão de Madame Orfila, em que viciava a brilhar os grandes astros da scena lyrica — o Mario, a Mailbran, a Alboni e a Sontag.

O salão da princesa Rattazzi entrava em formatura com os salões madrienses *crustés*, *três-hans*, como o salão da condessa de Montijo, mãe da ex imperatriz Eugenia, onde ella, *três en verde*, dava a replica scintillante aos magnatas politicos — Martinez de la Rosa, o general Narváez, Duquesa de Sotomayor, Pidal e o marquez de Barzanallana; com o salão resplandecente da duquesa de Medinaceli, frequentado por Castelar, D. Manoel Silva, D. Praxedes Sagasta, Danvila, D. Venancio Gonzalez, Montero Rios, Castro y Serrano, Camposamor y Velarde; com o salão da condessa de Guaiqui, onde confluiam — Sagasta, Castelar, D. Alejandro Pidal e outros; com o salão dos condes de Heredia-Spinoia, que rivalizava com o salão politico de Castelar; e onde se reuniam Martinez Campos, Canovas, Romero Robledo e Moyano; com o salão do marquez de Molina, concurrido pelas notabilidades das letras — Zorrilla, Narciso Serra, Lopez de Ayala, Campoamor, Ventura de la Vega, Bréton de los Herreros, Hartzenbusch, etc.; com o salão do conde de Vilana, onde apparecia toda a sociedade *hartzenbusch*, os diplomatas estrangeiros, as bellezas de mais afiladas garças felinas e as aguilas politicas de mais acaçalados gryphos.

A muitas atoardas largaram vôo, em homenagem á princesa Rattazzi. Affirmou-se que ella tinha o seu brazão enfiado nas dividas; asseverou-se que os seus odios admiraveis collares — um de perolas claras e o outro de perolas negras — desappareciam e reappareciam segundo as phases, mais ou menos prosperas, das suas finanzas. A verdade, porém, é que ella gozou, até á sua morte, de uma renda de oitenta mil francos annuaes, que, reunidos ao dote de oitocentos mil francos, dado pelo seu primeiro marido, á herança de Urbano Rattazzi e ao rendimento das suas empresas litterarias, lhe proporcionou largas enchasas para viver faustosamente. E não me deixa mentir, de certo, o *Heraldo de Madrid*. (2) jornal serriissimo dirigido por Canalejas, o brilhante orador estadista — talvez uma das estrellas politicas do reinado que vae comecar.

A princesa Rattazzi veio, pela primeira vez, a Lisboa, precedida pelas trombetas da Fama e pelos clarins da Gloria. Chegou em janeiro de 1876 e hospedou-se no hotel de Bragança. Trazia cartas de recommendação de Canovas del Castillo, Castelar, Romero Ortiz, Benigno Joaquim Martinez e outras summiidades da politica e das letras hespanholas. Acompanhava-a sua filha Isabel Roma, uma bonita creança que parecia feita com um raio de sol, um beijo da brisa e um sorriso da primavera, e que exhalava uma graça musical. (3)

A Rattazzi manifestou, desde logo, a sua franqueza extrema. deu jantares opparos e recebeu a todos com a maxima distincção. Aos seus jantares litterarios assistiram: D. Guomaro Torrezco, Fontes Pereira de Mello, Casal Ribeiro, Thomas Ribeiro, Teixeira de Vasconcelos, Bulhão Pato, Gouveia Junqueira, — por quem ella havia a vislumbração do mysticismo — Antonio Ennes, Ramalho Ortigão, marquez de Oldoini, Luiz de Campos, visconde de Benalcázar, D. Luiz Breton y Vedra, Souza Viterbo, Barjona de Freitas, Manoel de Assumpção, Brito Aranha, Magalhães Lima, Eduardo Coelho, Miguel de Bulhões — a quem viera recommendada por Romero Ortiz —, conde de Paraty, barão de Almeida, visconde de Castello, Cunha Bellem, Dr. Guilherme Ennes — medico de Isabelinha Rattazzi —, visconde de Queiroz, Santos Nazareth, Pereira Rodrigues, Candido da Figueiredo, Possidónio da Silva, Consiglieri Pedroso, Julio de Vilhena, visconde de S. Januario, Ernesto Berti, Sauvinet, José Julio Rodrigues, Mr. Stenackers, etc. Depois dos jantares havia recepção, onde muitas vezes Manoel de Assumpção recitou poesias com a sua voz tonitrואnt e tocou piano distinctivamente.

Por causa de certas chocalheices, avolumadas pelo vidro de augmentar da malendicencia e repetidas pelos cochichos dos cochichos das ante-camaras mexericueiras, nenhum dos convidados se fez acompanhar da respectiva esposa. Nem mesmo o ministro de Italia levou a mulher e as filhas a essas reuniões. Uns desculpavam-se dizendo que tinham a esposa doente, outros que estava fóra da terra. Por isso a Rattazzi exclamava, intrigada: — «E' curioso! Os portuguezes todos tem as esposas doentes ou ausentes!»



PRINCEZA RATAZZI
Photographia tirada em Lisboa em 1876

A Rattazzi foi apresentada a Sras Magdaes em 5 de febreiro como viúva do grande actor Rattazzi. Naquelle dia, quando appareo elle ao jantar de despedida. Mas, por doçura da filha, não pôde partir a 12 para Madrid, indo em compartimento especial, mandado preparar pelo sr. Espregueira, director dos caminhos de ferro.

Passados dois annos, em 11 de março de 1878, chegava novamente a princeza Rattazzi a Lisboa, alojando-se no segundo andar do hotel Central. Vinha acompanhada de sua filha e de *Mademoiselle*, Pauline Barrière, nobre filha do escriptor francez, conhecido por Barrière. Então, teve um acolhimento ainda mais caloroso que da primeira vez. Pousou em todas as attitudes, de frente, de perfil e de tres quartos, perante o apparelho photographico dos jornalistas. Fez mover o esquadro volante dos sagitarios do periodismo, foi citada nas gazetas com um grande ruido de adjectivos, collaram ao seu nome o rotulo de notoriedade. Como da primeira vez, a politica e a litteratura deram-se resizes nos a residencia da princeza, que começou a receber as pessoas amigas ás terças-feiras. No *petit-diner* de 20 de março estiveram: Fontes, Antonio Rodrigues Sampaio, Thoms Ribeiro, Julio de Vilhena, Osorio de Vasconcellos, Luiz de Campos Gervasio Lobato, Teixeira de Vasconcellos, Ramalho Ortigo, Magalhães Lima, Souza Viterbo, Pedro Gastão Mesnier, Breton y Vedra, Patricio Alvaraz, Zea Bermudez, o escriptor francez, Mr. Stenackers, Possidre Paraty, Dr. Burnay, o sr. Pinaud, Evaristo do Rego, Eduardo Coelho, etc. *Mademoiselle* Barrière cantou, ao piano, algumas canções francezas, sendo uma dellas dialogada com Izabelinha Rattazzi. A 6 de abril, deu uma *soirée deliciosissima*, em que se representou a operetta em 1 acto *Les distractions de Madame*, depois impressa com o titulo de *Les distractions de Pepita*, libretto original de Rattazzi e musica de Pauline Barrière. Foi o primeiro e unico *opéra* da princeza. *La di-vette au divin riant* — que tambem estava no script de Barrière, e serviu de ponto Gastão Mesnier. Antes d'isso, houvera janit e recepção, que se prolongou até ás duas horas da madrugada, e, durante a qual, *Mademoiselle* Pauline Barrière cantou a canção do *Rei de Thule*, João Anastasio Rosa declamou scenas do *Marques de la Seigleira* e do *Gil Vicente*, Fontes, Antonio de Serpa, Thoms Ribeiro e Sampaio cantaram os saes e donaires da sua conversação attica, e a Rattazzi mostrou os recursos da sua oratoria, e *primenutière* — a intressencia das flores do parisiense distilladas por Pinaud.

N'uma das reuniões, pareceu-nos que na 14 de março, encontravam-se n'um grupo Fontes, Eduardo Coelho e mais tres cavalleiros, quando vieram entrar o marquez de Avila, que ali foi apenas essa vez. Fontes disse para os que estavam no grupo, que queria dar uma grande novidade ao Avila, ao que Eduardo Coelho alhou: — "O que é? Eu, na minha qualidade de jornalista, atrove-me a fazer a pergunta, porque desejo dar a novidade em primeira mão aos leitores do meu jornal. Mas Fontes replicou: — "Deixe-me, primeiro, felicital-o. Então, dirigiu-se ao Avila, abraçou-o e tratou-o por duque. De facto, el-rei assignara, parece-nos que a aquella mesmo dia, a carta regia, e a Rattazzi deu-lhe a noticia da assignatura. A princeza apressou-se a felicital-o, e igualmente, pela nova honraria.

A imprensa lisbonense offerceou um banquete á Rattazzi, banquete que se effectou no salão do theatro de D. Maria II em 16 de abril, e que importou n'uma capitação de quinze mil réis. Além da Rattazzi, de Thoms Ribeiro, de Antonio de Serpa, Antonio de Serpa, Sampaio, Julio de Vilhena, Teixeira de Vasconcellos, Julio Cesar Machado, Alfredo Ribeiro, Manoel de Assumpção, Antonio Ennes, Thoms de Carvalho, visconde de S. Januario, Vedra, Luiz Palmeirim, Osorio de Vasconcellos, João e Augusto Rosa, Luciano Cordeiro, Faraty, Eduardo Coelho, Mesnier, Magalhães Lima, Buiões, Souza Viterbo, Melicio, Guerra Junqueiro, Ramalho Ortigo, Costa e Silva, Bisster, Cunha Pellem, dr. Eanes, etc. Sampaio brindou á princeza Rattazzi, que lhe respondeu eloquentemente, e Antonio de Serpa brindou, n'um brilhantissimo improviso em francez, a Izabel Roma.

A Rattazzi despediu-se dos seus amigos de Lisboa, offerecedo-lhes uma *soirée de veille littéraire*, em que se representou o proverbio *Quand on s'aima on aime plus assés*. Original da offensa, desempenhado por ella e por *Mademoiselle* Barrière, *Mademoiselle* Victorine e Gastão Mesnier; representou-se mais um fragmento do *Chant du Cygne*, drama devido á penna da Rattazzi, interpretado pela auctora, pela Barrière e pelo Mesnier. Izabel Roma cantou a cavatina da *Fille du contrebandier*, sendo acompanhada ao piano pela Barrière; Rosa Senier declamou scenas do *Marques de la Sicardie*. Assim que elle fez esquecer o actor Samson, (4) e do *Ricardo III*; recitaram-se poesias, e a Barrière e o Mesnier tocaram piano.

N'esta sua segunda visita a Lisboa, tambem foi recebida pela Familia Real. Devemos, porém, dizer aqui uma coisa, ignorada por muitos. A Rattazzi, que já tinha a grã cruz de Maria Luiza, de Hespanha, desejava ardentemente possuir a banda de Santa Isabel, orden á que o livro muito eloquentemente se refere (5). Mas contavelmente, a rainha D. Maria Pia respondeu sempre ás solicitações, que um alto personagem lhe fazia para a conceder: — "De nenhum modo! Apesar d'isto, nem de leve belsecou Sua Magestade no livro que lhe é attribuido. Se foi torturada pelo garrote do despeito, simulo que o não foi.

Emquanto aqui se conservou, a calunnia patriçqueira fartou-se de mexer a sua farpada lingua n'uma primeira vez, segredava-se que viera encarregada pelos ibericos e pelo governo hespanhol

para tratar de iberismo; na segunda vez, quando appareo no baile do Club Lisboense acompanhado de *Mademoiselle* com Julia real, Ramalho Ortigo, e que eram falsas. Os gusanilhos diffamatorios luraram-lhe a sua moral particular como se esponjassem uma viga de castanheiro rebordio.

A princeza Rattazzi partiu para Paris em 23 de abril, tendo uma affectuosa despedida na *pere*, onde concorreram: Fontes, Sampaio, duque de Avila, Thoms Ribeiro, Antonio Ennes, Thoms de Carvalho, Ramalho Ortigo, e o sr. Paraty, Magalhães Lima, visconde de S. Januario, Eduardo Coelho, Gastão Mesnier, etc. Os livros offerecidos pelos litteratos eram em tal quantidade, que encheram uns poucos de caixotes. E, porque a vida é tediada de ironias e de antiheses, foram alguns d'esses mesmos litteratos, que depois a espectaculariam na praça e lhe rojaram o nome pela rua da amargura. Alexandre Herculano veio propoer-lhe a princeza para a visitar e lhe offerter as suas obras. Mas sempre estampar aqui uma nota elucidativa. Tanto da primeira como da segunda vez que esteve entre nós, a Rattazzi escreveu muitas cartas a Camillo Castello Branco, convidando-o a vir a Lisboa, mas elle nem sequer lhe respondeu.

Em 1878, ao regressar a princeza a Paris, extraviaram-se-lhe umas cartas particulares no hotel, onde ficaram. A politica — a grande desvergonhada — metteu o bedelho no caso, e apalhou que as cartas pertenciam a Fontes, e chegou a apontar o dono do hotel, o sr. Burnay, como detentor d'essas cartas. Ora tudo isto era completamente falso, porque nem as cartas eram d'aquelle eminente homem de estado nem o sr. Burnay se apropriou d'ellas. As cartas foram escriptas pelo proprio punho da princeza, e se a descobria, e se elle se apresentava, não se perdoaria. Por dois annos, ainda permaneciam os as verdes ligeiricos de donzel e se apaxoou pela escriptora forasteira e... pelos *bons yeux* de *sa cassette*.

Foi na sua segunda visita a esta nêga da Europa, que a Rattazzi recolheu os apontamentos para o livro, que produziu tão grande argel. Ella observava, com um interesse zologico, os tipos burolescos da bofetada dos nossos costumes, o arricchico das nossas janitorias, o lazzaronismo dos nossos politicos, os infusorios da vadice lisbonense. E comprehendu, ás mil maravilhas, que estava longe do torvelinho jovial da Puerta del Sol, longe das elegancias sutis que Londres afoga na espessura dos neveiros, longe da vida kaleidoscópica de Roma e mais longe ainda da vida protofornega e cosopolitica do *boulevard*. Quando a brochura appareo, logo a formar-se conjecturas a respeito dos colaboradores prova-veis. Entre aquellas a quem se attribuia a collaboração, appareciam Gastão Mesnier, o sr. Ramalho Ortigo e um estrangeiro que ha mais de quarenta annos reside em Portugal, e que, sendo escriptor e jornalista, nunca a imprensa teve aso para lhe citar o nome por motivo censuravel. Todos os nomes, n'uma primeira tentativa, e a imprensa devesse occorrido a um ou mais auxiliares, que lhe fornecessem as necessarias indicações sobre a vida intima e sobre os *faits et gestes* das personalidades tratadas no livro. E teve-os. Mas nenhum dos indicados se prestara a essa tarefa. No tempo de Beaumarchais, que era uma epoca espirituosa, ainda ficava alguma coisa da calunnia; mas d'esta calunnia é que coisa alguma ficou. A uma extraordinaria casualidade, que não se poude explicar, mas a qual se deveu a conhecer o segredo d'este facto. Entre as pessoas a quem mais privavam com a Rattazzi no hotel Central, destacavam-se duas: o illustre escriptor e jornalista Antonio Ennes, que disfructo de grande intimidade com a princeza, e Mr. Stenackers, antigo deputado, antigo director de Instrucção Publica em Franca, intimo amigo de Gambetta e homem de notavel merecimento. Este cavalheiro convivia fraternalmente com o, entào, visconde de Daunpias e com Madame Aline Neville, modista de Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia. Mr. Stenackers, como intimo da Rattazzi e do Daunpias, mais de uma vez acceptou os favores pecuniarios de ambos, que lhe valeram nas suas difficuldades financeiras de expatriado. Mr. Stenackers encarregou-se da redacção do livro, e, juntando os apontamentos da princeza com outros de inspiração de Madame Aline e do Daunpias, escreveu a obra em portuguez, e a elle deu o titulo de *Le Portugal à val d'oiseau*. (6) Tal é a genesis d'este trabalho litterario, de que a princeza Rattazzi não foi a genetriz, embora lhe vinculasse a responsabilidade do seu nome.

O livro cahiu como um aerolito no meio do ripanço nacional. Escripto ao correr da mão, n'um estylo cursivo, e com um *seu* *estylis* que se assemelhava muito a um repito, esse livro mostrava que a princeza *authores* não desconhecia nenhuma das historias picantes, nenhum dos cubosinhos multicores do mosaico dos escandulosos libeotos. Levantou-se enorme ceulema. Em virtude de tão insolita aggressão, as phrases cariciosas como borlas de pó de arroz — com que outr'ora a brindavam — foram trocadas por phrases que tinham a vida sardonica do phosphoro e o movimento dos ferrões das vésperas. A penna plicitoria de Camillo Castello Branco não se defendeu, e os seus pennis fortes entraram em linha de batalha; varios grandeiros do jornalismo emboscaram-se nas columnas dos jornaes e apontaram lhe as escopetas comminatorias. Imputaram-lhe superfeticoes cosméticas, insidiosas aguarreliações capillares, acafeaduras epidemicas mediante cerusas redolentes, bismutho, talco e anilina. A escala thermica da sua cotação no Greio e na Havana baixou a zero. Alguns amphibios, que haviam devedo o publicano da princeza, e que se tinham achado á margem do grito para lhe arranganhar os dentes caridos

pelos acidos malignos. E a Rattazzi foi inexoravelmente retaliada no pelourinho da Critica; o seu delicto foi punido pelos executores da alta justica litteraria.

Na ultima vez que a princeza Rattazzi esteve em Lisboa, hospedou-se no hotel Avenida-Falcao. Fouzquissimas pessoas a visitaram, e notou-se a ausencia de quasi todas as que a tinham festejado nas outras duas vezes. Como que a consideraram uma personalidade vitanda. Em redor do seu nome heraldico, que fora cercado de um mysterio elegante e suggestivo, adensou-se o pesado silencio mortuario que reina nos cemiterios, nas igrejas e nas ruinas.

A princeza trouxe cartas de recommendação de Sagasta para Antonio de Serpa, de quem aquelle eminente estadista hespanhol era amicissimo. Casal Ribeiro, constate *habitué* das reunioes da princeza em Madrid, foi dos raros que frequentaram os seus salões no hotel Avenida e que assistiram aos seus jantares. Nessa occasião, a princeza solicitou a collaboração de varios plumigneros lusitanos para a sua Revista, e distribuiu prospectos d'essa publicação entre os homens de letras portuguezes. Mas só um restricto numero respondeu ao appello. Pouco tempo se demorou entre nós, e, ao partir, declarou a algumas pessoas que a acompanharam ao e, nunca mais voltaria a Portugal, porque comprehendia perfeitamente que era alvo de grandes antipathias. Ella teve,

perspicaz e perspicuamente, a noção diplomatica do terreno em que se encontrava, que era o da hostilidade risonha ou, pelo menos, o da paz armada.

A Rattazzi propunha-se publicar, mais tarde, um novo livro sobre o nosso paiz, em que rectificaria as informações erroneas ou de comprehensão equívoca. E consta-nos que, d'este proposito, foram discretos conselheiros Antonio de Serpa Pimentel e o conde de Casal Ribeiro, que até se offerceram para auxilliar — em tudo que d'elles dependesse — a nova e prudente attitudo da princeza Rattazzi. Ambos estes homens illustres deixaram de existir. Mas sabemos que elles não ignoravam os interessantes pormenores acima exarados, isto é, quem haviam sido os verdadeiros informadores do auctor de *Le Portugal à vol d'oiseau*.

PINTO DE CARVALHO (Tímop).

- (1) *Gil-Blas* de 7 de Fevereiro de 1902.
- (2) *Heraldo de Madrid* de 6 e 7 de Fevereiro de 1902.
- (3) Isabel Rattazzi recebeu o appellido de Roma, porque teve como padrinho de baptismo o presidente do municipio romano, em nome da cidade.
- (4) Opinião do auctor de *Le Portugal à vol d'oiseau* em pag. 99.
- (5) Em pag. 41.
- (6) *Le Portugal à vol d'oiseau* par Madame Rattazzi. Paris. A. Degorce-Cadot, rue de Verneuil, 9.



OS NOYOS



João Frezado

É filho de Mariano Frezado. Frequenta ainda o 7.º anno do Collegio Militar e no campo da litteratura é já, não uma simples promessa, mas uma affirmacão postiva do muito que ha a esperar do seu talento tão auspiciosamente revelado. Os versos de João Frezado são apaixonados, naves e melodiosos, e a essas versos, a que o poeta imprimiu todo o sentimento da sua alma, cheia de illusões ainda, não ha só concepção artistica e amor, ha tambem philosophia.
Do seu primeiro livro, que em breve será publicado, herdamos, ao acaso, um soneto que revcia o alto valor do inspirado poeta.

ALMA IMMORTAL

Ao Sr. Dr. Antonio Assis Teixeira.

Tudo veio do nada, e ao nada ha de volver, tudo nasceu do pó, e em pó se ha de tornar; do nada veio o amor, do amor veio o soffrer e a vida não é mais do que soffrer e amar.

Assim gozar e rir, chorar e padecer, a opulencia, a miseria, o vicio a fermentar, a vida que nos foge, illusoria, a correr, é fumo, é sombra, é nada... é pó que anda no ar.

Ninguém sabe ao nascer qual é a sua estrada, e que missão lhe está no mundo reservada; Ninguém sabe ao nascer para que esse fim nasceu...

Sabe apenas que a alma, alegre ou torturada em nós é qualquer coisa immortal e sagrada que Deus mandou á terra e ha de voar ao ceu!

J. M. SANT'AGO FREZADO.



José Faria Machado

CANTIGAS

Cantigas, que o vento as leve
Pelo monte e pelo valle;
Tristes cantigas que liz
F'ra os fados de Portugal.

Tecedeiras, tecedeiras!
Que teceis vós no tear?
Tecemos milhares d'abrazos,
Para os moços do logar.

Quem nascen para chorar,
Nada lhe vale o sorrir,
Que quando ri põe-se á espera
Do choro que está p'ra vir.

Manda-me um beijo pelo vento,
Que o vento cá virá dar;
Virá bater-me á janella
Quando eu por ti aspirar.

Lá vem o rio chorando
Anda a dizer-me, coitado!
O que lhe dizem as tardes
Do meu amor enganado.

Dizem que partes, Maria,
Não partas, não partas, não?
Caminharas carregada:
Levas o meu coração.

Cantae, cantae, raparigas,
Lindas cantigas d'amor,
Que a cantar foi que aprendi
A chorar a minha dor.

Isto d'amor é um engano...
Aí moças, para que amar?
Que eu ami, vêde-me agora,
Ando na vida a chorar.

Quando passo pela rua
Dizem-me as pedras do chão:
«Dentro d'aquelle peito
Anda morto um coração.»

E falam verdade as pedras,
Que a pedra nunca mentiu,
Que meu coração morreu
Logo que o teu lhe fugiu.

Quem amou foi desgraçado,
Quem não teve amores tambem;
Emquanto uns choram outros riem,
Aí! maguas, que as não tem?

JOSÉ FARIA MACHADO.

Medicos e doentes



Doctor — O seu estado é grave; precisa tomar banhos frios, peja manhã, e esfregar-se bem até haver forte reacção.
Doente — É exactamente o que tenho feito.
Doctor — Então é preciso parar com isso quanto antes.



Doctor — Mas porque não confessa à mamã?
Ella — Falta-me a coragem.
Doctor — Ella ha de forçosamente vir a saber...

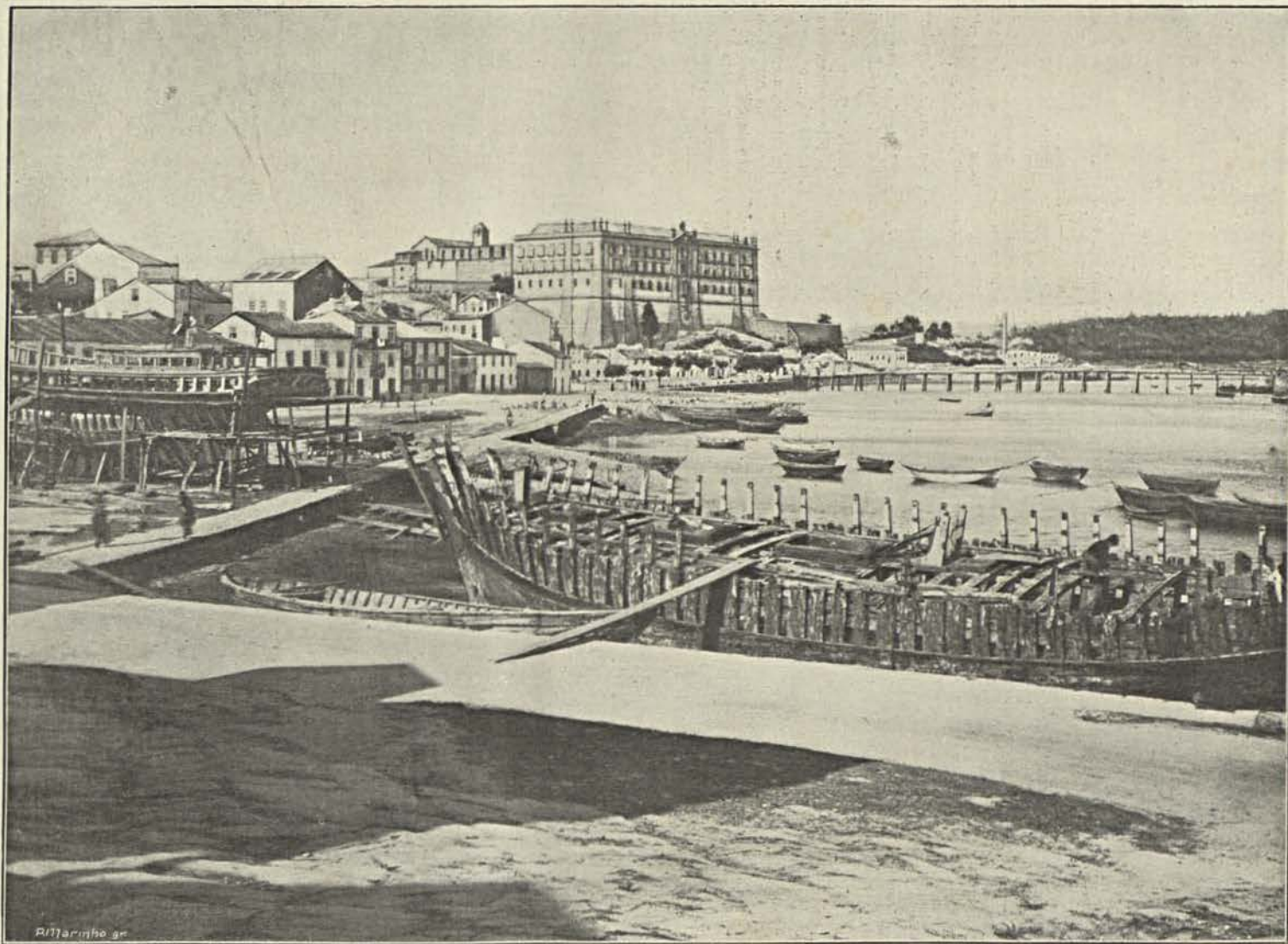


Doctor — O se, precisa tomar um banho morno.
Doente — Isso, não é perigoso, doutor?



N.º 1 — Não concordo com o diagnóstico do nosso collega assistente.
 N.º 2 — O do assistente não será o verdadeiro, mas o seu amás mesmo.
 N.º 3 — O meu é o unico plausivel; o homem tem a bubonica.
 N.º 4 — Qual bubonica! qual... nada! é uma simples lymphatite.
Todos — Em vista d'isso, continuemos com o mesmo tratamento...

Eschbacher



O RIO AVE

(Photographia tirada de Villa do Conde)

AS ARMAS!



da o grito de guerra, porque parece que está arrendo a guerra nas armas ou contra as armas, e a não ser a cavallaria, que conserva as suas posições, isto é, a sua orthographia, todas as mais andam em papos de aranha, porque lhes querem tirar um e, de que andavam em legitima posse desde muitos annos, e substituíl-o por um feio e antediluviano *a*, que é o mesmo que pôr mosquetes e achas de armas no logar das espingardas de repetição ou dos sabres e espadas do actual equipamento.

Foi o caso,

O caso triste e digno da memoria,
Que do sepulchro os homens desenterra,

— e nunca tanto a proposito se fez a citação de Camões, porquanto muitos mortos illustres, com alguns vivos, illustres tambem, serão chamados a depôr n'este plecto da letra dispatada.

Foi o caso, como ia dizendo, que a Imprensa nacional, — um estabelecimento do estado, — teve o capricho de imprimir em documentos officiaes, e sem o beneplacito do ministerio da guerra, *artilharia* e *infantaria*, como já andava dando a publico *pois* em vez de *paiz* e *marquês* em logar de *marquez*.

Phantasias, que chrisenam a nossa terra e deixam quem tem um titulo nobiliarchico de subida grandeza a correr rivalidades com quem apenas possui o patronimico de Marcos!

Mas, se estas coisas são um tanto risiveis e nada offensivas, não assim a transformação dos nomes por que se designam, desde meio seculo pelo menos, as gloriosas e honradas armas do exercito portuguez.

Ha coisas com que não é licito brincar, e assumptos onde o capricho individual não deve metter o beolho.

A innovação de uma velharia foi falada e discutida; e como um jornal dissesse, por gracejo decerto, que ao menos *infanteria* devia escrever-se com *e* por homenagem a *infante*, logo o illustre philologo e erudito philologista C. de F., com um afaço que o faria suppor padrinho da creança, correu á estacada, a dar uma substanciosa preleção sobre suffixos, affirmando que nós, na lingua portugueza, não tinhamos o suffixo *eria*.

Sem querer desfazer na sua palavra honrada, n'isto é que se enganou o esclarecido sabio; ha de perdoar que lh'o diga!

Não o teriamos, quando escreveu Camões, João de Barros ou Vieira; mas temol-o agora, nas melhores e mais solidas condições de legitimidade.

As linguas, como as pessoas, são ricas do que herdam, accrescentado com o que adquirem; e muitas vezes transformam o que possuem, trocando peças de duas caras por inscripções, dando fórma nova e disposição moderna ás joias de familia, mudando de cultura na propriedade rustica ou modificando a fachada e apparencia exterior da propriedade urbana.

O caso é que as acquisições e transformações sejam legitimas e garantidas por bons documentos.

Ora, querem ver que os não pôde haver melhores para a acquisição ou transformação do suffixo *eria*?

Primeiro: esta desinencia, — e notem que não digo aqui suffixo, — não repugna, absolutamente nada, á indole da lingua, pois é a de todos os condicionaes dos verbos da segunda conjugação, a de muitos nomes que nunca se esqueceram de outra maneira, como *periphéria*, *galéria* e *bateria* e de muitos outros que os antigos escreviam ora com *e*, ora com *a*, e que os modernos escreverem uniformemente com *e*, como *sobranzeria*, *aluseria*, *galanteria*.

Depois: é o suffixo *eria* legitimo e vulgar na lingua Castellhana; e posto que o argumento pouco valha para mim, que não tomo aquelle idioma para typo e exemplar do nosso, deve valer superiormente para o illustre philologista, que se morre de amores no aproximar das duas linguas peninsulares. Todavia, no caso em litigio, da designação das armas, reconheço, como em toda a terminologia tecnica, a vantagem da approximação não tanto e só do idioma espanhol, como das linguas mais conhecidas da Europa, — o francez, o inglez, o italiano, e o allemão.

Finalmente: desde o desaparecimento de Camões até ao apparecimento de C. de F. muitos homens doutos houve, muitos cultores illustres das boas letras, muitos sabios profundos, e de tanta auctoridade para innovarem e modificarem o existente, quanto o nosso grande epico e os notaveis escriptores do seu tempo tiveram para aperfeiçoar e melhorar a lingua, que haviam herdado pobre e desvaireada por companhias boas e más.

Ora está aberta a audiencia e vae-se ouvir o depoimento das testemunhas.

O bom senso é o juiz, os homens illustrados da nossa geração constituem o jury, e eu, que não passo de official de diligencias, faço a chamada.

Venha Garrett em primeiro logar, que é de tal auctoridade e competencia que por si só bastaria para decidir a causa, tornando legitimamente portuguez o que elle, ainda quando só, adoptasse.

«A rebellião do regimento 23 de infantaria, a conspiração e fuga do infante, foram em breve imitadas por outros corpos da guarnição de Lisboa» (*Memoria historica de Mouzinho da Silveira*);

«Aquella ultima revista que o Imperador passou á brilhante divisião expedicionaria — ainda assistiu n'uma sege, quasi em braços da mãe, mas com o seu uniforme de soldado de artilheria — o moribundo conde de Calhariz» (*Memoria historica da Es.^{ta} duquesa de Palmella*)

«... a guarnição toda em armas, artilheria de morriço accesso» (*A sobrinha do Marquez*)



Vista geral da cidade do Amparo (Estado de S. Paulo — Brasil)

A cidade do Amparo é uma das mais pittorescas do estado de S. Paulo, pela sua situação. Assenta n'um reconhecido de montes, na margem esquerda do rio Camandócia.

Porque não podiam ser chamados dois ao mesmo tempo, por isso não veio Castilho de braço dado com Garrett; mas, em questões de pureza da nossa formosa lingua, a que elle soube dar encantos novos, não é menor a sua auctoridade.

O mimoso poeta da *Primavera* e do *Outono* não podia ser muito dado a assumptos bellicosos, e por isso difficil é encontrar phrase que conuvenha á questão e a elucidar; todavia com um bocadinho de agradavel trabalho, lá foi descobrir no drama *Camões*, estes dois trechos:

«Está-me lembrando uma peça grande de artilheria, lá da nossa fortaleza de Malaca».

«parece que n'esse mesmo instante dera a artilheria o signal da levaa».

Após estas duas summas litterarias, entrarão em scena os dois historiadores, um civil e outro militar, que se chamaram Rebello da Silva e Latino Coelho.

Nos escriptos d'estes illustres luminares na litteratura patria, só ha a difficuldade da escolha, podendo afirmar-se que em todas as paginas é uniforme a orthographia.

Vá ao caso:

«André de Albuquerque, mestre de campo de infantaria, foi nomeado general de artilheria e occupou depois o lugar de general de cavallaria».

«... e eram decididas em nosso favor pela superioridade da artilheria e da arcaabuzeria».

«A infantaria hespanhola ufana-se com a grande reputação conquistada pelas suas victorias».

«... rendendo um filipebete inimigo um galeão com metade da tripulação e da artilheria».

(*Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII*).

Se querem mais, é pedir por boca.

«Eram defendidas por infantaria e por artilheiros portuguezes».

«dirigia um obuz o primeiro tenente de artilheria de Valença, F., que na defeza da posição prestou serviços recommendaveis pela serenidade estoica do seu animo e pela justeza das suas pontarias».

(*Historia Militar e Política de Portugal*).

A Latino Coelho, o sabio secretario perpetuo da Academia Real das Sciencias, official illustre entre os mais illustres e gloria insigne da litteratura patria, seguir-se-á no depoimento com outro official illustre, academico tambem.

Na *Missão do visconde de S. Januario*, lê-se:

«... a guarda nacional constava de 22.674 praças, distribuidas por 9 brigadas de artilheria, 31 batalhões, 9 brigadas e 4 corpos de infantaria».

Osorio de Vasconcellos não pertenceu á academia, mas tinha juza a pertencer-lhe e seguramente a douta corporação lhe abria gostosa as portas, se primeiro a morte precoce lhe não hovesse escancarado as do tumulo.

Deste mallogrado e insigne escriptor são os seguintes trechos:

«No sitio de Arzila tambem a artilheria obrou prodigiosa».

«Quatorze mil homens de infantaria, cinco mil e tantos cavallos e

basta artilheria eram as forças com que o rei portuguez caminhava á conquista de Castella».

(*Batalhas portuguezas*).

Entre os mortos illustres, ha muito que eu teria evocado o nome do meu querido amigo Pinheiro Chagas, gloria immortal das letras, e tambem secretario perpetuo da academia, se não quizesse a seu respeito no ponto concreto de que me estou occupando, mais alguma coisa do que uma simples citação.

Nos *Portuguezes illustres* lê-se, a proposito de Bocage:

«despachado para o ultramar com o posto de tenente de infantaria».

No *Major Napoleão*:

«Na vanguarda do grande exercito desfila a cavallaria de Murat e a infantaria de Ney».

«... e a voz solemne da artilheria compõe o epilogo d'essa scena de destruição».

Na *Historia da guerra entre a França e a Prussia*:

«N'essa vasta circumferencia, tremeja a artilheria».

«As tres divisões contavam apenas treze regimentos de infantaria».

Todavia, na primeira edição da *Historia de Portugal*, encontram-se promiscua e baralhadamente, as desinencias em *aria* e *aria*, nas mesmas paginas ou em paginas seguidas, o que só posso explicar pelas circumstancias excepcionaes em que aquella obra foi publicada, quando o illustre escriptor, tollido por fortissimo ataque de rheumatismo, dictava a quem affectuosamente lhe servia de secretario, e as provas eram revistas por encargo do editor, a pessoa mais escriptulosa em pontos de dignidade e honra e menos escriptulosa em questões orthographicas.

Como tive a honra de escrever durante muitos annos ao lado de Pinheiro Chagas, sei que a sua desinencia invariavel para a designação das armas do exercito era a que elle adoptou em toda a sua obra litteraria e não a que ás vezes apparece na *Historia de Portugal*, e por isso o posso chamar a pedir no pleito e contar o seu voto entre os que dão autoridade ao suffixo *aria*.

Pois que tenho andado a evocar o testemunho de escriptores militares, seguirei pela lista dos que ainda felizmente são vivos, e venha em primeiro lugar, como lhe compete, o illustre e venerando general, tambem academico, Claudio de Chaby.

Diz elle, nos *Excerptos*:

«Oitenta e quatro peças de artilheria e cem caixotes de armamento, pelos francezes occultados na cidade, foram descobertos».

e depois:

«No combate de Viella, em que foram presentes mil trescentos e dezesseite portuguezes: mil cincoenta e tres ao regimento de infantaria n.º 2 mandado pelo coronel Jorge de Avilez».

O almirante Augusto de Castilho, digno herdeiro de um nome illustre, e cujo brilho elle acrescenta, não só nas lides gloriosas da gloriosa marinha portugueza, mas tambem nas lides lucrativas da litteratura diz, no relatório da *Guerra da Zambézia*:



Vista geral da cidade do Amparo (Estado de S. Paulo — Brasil)

Liga-a á cidade de Campinas um ramal da estrada de ferro Moçana.
A cidade do Amparo é rodeada de fazendas de café, a principal cultura da região.



Vista do sul do estabelecimento da Lux Electrica (Bocaina) na cidade do Amparo (Brasil)

«Na frente de tudo, iam imprudente ou impensadamente os brancos com a artilheria».

Outro distincto official de marinha, E. de Vasconcellos, no volume *As colonias portuguesas*:

«O mappa da força compõe-se de uma companhia de infantaria...»

«... sobretudo para a artilheria de guarnição».

O meu presencioso amigo coronel Rodrigues da Costa, tão erudito como fino e sollicito cultor da lingua, diz, no seu folheto: *Sobre promoção*:

«... nos sargentos de engenharia e artilheria, applico o que com respeito à escola central, disse a proposito de cavallaria e infantaria».

Christovam Ayres, o primoso academico, escreve na *Historia do exercito portuguez*:

«... levantando D. João d'Austria o quartel de Arronches, que deixou guarnecido com cinco terços de infantaria, duzentos e cincuenta cavallos e artilheria necessarias».

Enfim o meu bom amigo Antonio de Campos, o vulgarizador da historia portugueza sob a fórma de romances, escriptor de boas letras e de muito estudo de escriptores antigos, diz, nas *Victorias d'Africa*:

«Alem de pequenos destacamentos de artilheria e engenharia e dos restos do esquadrão de lancieiros, continuavam no serviço d'Africa quasi todo o 2.º batalhão de infantaria 2.º»

Querem maior uniformidade? querem mais auctoridades a corroborar a auctoridade dos grandes escriptores do seculo que findou?

Posso proseguir, que ainda ha notaveis testemunhas a depôr entre os escriptores de classe civil, e vnaes á frente de todos o meu illustre mestre e amigo Rodrigues Sampaio, o vernaculo, o latinista emerito, o jornalista sem rival:

«Vimos uma carta de Samora pela qual somos informados ter chegado alli uma forja popular de infantaria e tres peças de artilherias. (*Espectro*.)

Teixeira de Vasconcellos foi outro escriptor tido e havido por elegante e vernaculo. D'elle é o seguinte trecho:

«Na Porcalhota se organisou pela segunda vez no dia 21 de setembro o campo de manobras para o qual foram os regimentos de cavallaria de Mecklenburgo e de Castello Branco, os de infantaria de Lencastre, Peniche, Lippe e Cascaes e dous destacamentos de artilheria da Corte e da de Estremoz». (*Glorias portuguezas*.)

Ribeiro Guimarães, o dr. Guimarães do *Jornal do Commercio*, que foi considerado bom sabedor da lingua e pechoso em pontos de syntaxe e de orthographia, deixou escripto no seu *Summario de varia historia*:

«Em Badajoz ha tres corpos de guarnição; dois de infantaria e um de cavallaria».

«A praça estava guarnecida de 170 peças de artilheria, morteiros e obuzes».

Ninguem negará que Luciano Cordeiro estudou muito e escreveu bem; pois é d'elle o seguinte periodo, no opusculo *Dois capitães da India*:

«... atirarei uma peça de artilheria e farei fusis, ao que se me responderá pelo mesmo theora».

D. Antonio da Costa, escreve, na *Historia do marechal Saldanha*:

«Então a infantaria realista... lança uma extensa linha de atiradores».

«Este fogo de artilheria, verdadeiramente infernal, durante mais de uma hora o foi soffrendo sem retroquir a divisão de Saldanha».

Luz Soriano, muito catarra, muito maeçador e muito faccioso, mas de bons do-



Edificio da Camera Municipal da cidade do Amparo (Brasil)



Fazenda Palmeira do coronel Luiz de Sousa Leitão, na cidade do Amparo (Brasil)

tes litterarios, quanto ao conhecimento da lingua, diz, na *Historia da Guerra Civil*:

«... em breve cedeu a posição que tomara á pequena força de 20 homens de infantaria n.º 9... sendo esta protegida pelo bom dirigido fogo de artilheria, do Monte Pedral...»

Não inclui Lata A. Palmeirim no numero dos escriptores militares, porque poucos sabiam e pouquissimos sabiam hoje que o illustre academico era alferes reformado da junta do Porto; mas o que todos sabem é que foi estimado escriptor, a quem devemos, entre outros, o chistoso e apreciavel livro, *Os executores do meu tempo*, onde se lê:

«Daniel Augusto da Silva, o distincto mathematico, discutia elevados problemas de mechanica com o hoje general de artilheria Ludalalu da Costa Camarate.»

«Para Julião ser já capitão de artilheria em 1822, devo suppôr-lhe entre trinta e trinta e cinco annos de edades.»

Martins de Carvalho, o incangavel redactor do *Cominbricence*, chegou a adquirir, mercê de indefesso trabalho, grande e vasta erudição, o seu volume *Apostamentos para a historia contemporanea* deixa-se ler com interesse, tanto pela essencia como pela forma. D'elle destaca os seguintes periodos:

«... consequentemente ficaram todos prisioneiros e mais dois tenentes, um de artilheria e outro de engenheiros.»

«O visconde de Montalegre sublevoa em Bragança o regimento de infantaria 24.»

Grande e sublimado genio foi na sciencia, a que tão cedo a morte o roubou, o medico Sousa Martins, que, a par de profundo saber, tinha a inspiração do artista e a forma correctissima do litterato de bom quilate.

Pois Sousa Martins, na carta-prefacio do livro *Quatro dias na serra da Estrela*, escreve:

«Eu não tratei ainda de dizer se, acusticamente considerada, o sommo deve ser como o aciar do zephyro, se como o troar da artilheria.»

E o proprio autor d'este interessante livro, o primoroso jornalista Emygdio Navarro, escreve n'elle:

«... um monumento que um raio já partiu uma vez e que os soldados de infantaria 14 não incumidos de guardar...»

Para fechar com chave de ouro, escolherei o antigo vice-presidente da academia, vogal do conselho superior de instrucção publica e escriptor que passa por veruavel no dizer. Refiro-me a Silveira da Motta, que, nos *Quadros de historia portugueza*, temos trechos subsequentes:

«... e desde logo assestaram os turcos a sua formidavel artilheria.»

«... a armada de Calecut permaneceu exposta ao fogo da artilheria portugueza.»

«A somma de artilheria ordenada para bater a muralha, diz Barros...»

Este ultimo exemplo acho-o notabilissimo, por ser feito sobre uma citação, quasi transcripção, de um velho classico.

Seguramente haverão notado os leitores o não ter recorrido nem a A. Herculano, nem a Camillo, escriptores de excepcional autoridade e competencia, e como lealmente estou instruindo o processo, com tola a lealdade direi que os dois unicos exemplos que encontro nos sete volumes litterarios de Herculano, romances, lendas e poesias, são adversos ao uso commum de todos os escriptores citados.

«Ajunctemos toda a artilheria que podermos, carreguem-na toda...» se lê no *Monge de Cister*.

Ná *Harpa do Crente* diz o inculto escriptor:

E a bala sibillando
E o trom da artilheria»

Quizera ter o apoio de tão preclara autoridade litteraria, mas, pois que o não tenho, venha este exemplo de excepção a confirmar a regra.

Quanto a Camillo ia-me endouecendo. As primeiras citações que encontro foram-me favoraveis:

«... e ouvia o estridor horrisono das charamellas e o troar da artilheria. (*Senhor do Papa de Nindes*).

«Um capitão de infantaria n.º 18 aquartelado em Santo Ovidio, do Porto, teve de sua mulher uma filha...» (*O anage*).

«O destacamento de infantaria 2 consegue capturar dois saltadores (*Memorias do carcere*)»

Mas:

«Entra porém o general Souto as mal defezas raias do reino e chega a Braga a artilheria de Laborde (*Carlota Augusta*).

«Fome na Inglaterra, fome nos Açores, fome no Porto... e afinal...» sargento de infantaria... farlorio meu povo! (*A bruxa de Monte Cordero*).

«A artilheria inimiga trouva desde o alto de Palma, cravando as balas onde miravam as postarias sobranceiras á infantaria». (*Ibid*).

São muitas mais e variadas, no texto ou em notas, as transcripções que poderia accumular, e como a edição que possuo é publicada depois da morte do autor, commquanto pareça respeitar-lhe a orthographia, ficome na duvida sobre qual a desinencia por elle adoptada, ou se era absoluta a sua indifferença ao assumpto, e por isso o não invoco nem *pro me contra*.

Se tamanha autoridade em questões de lingua portugueza escrevia a capricho, ora com o *aria* e ora com *eria*, não ha o recurso de dizer, como eu proprio: farlorio, meu povo!

Outro escriptor que me deu agua pela barba, foi o academico Thomaz Ribeiro.

Abriendo o primeiro volume das *Jornadas*, publicado em 1873, encontro quasi uniformemente a terminação *aria*. Por exemplo:

«Quiz ter sempre a artilheria apontada sobre o comboio suspeito.»

E' verdade que no mesmo volume se lê:

«... e fomos ao quartel do 5 de infantaria, que pela sua posição sobranceira pode bater vantajosamente o palacio real.»

Mas depois:

«... o condestavel quiz entrar por uma brecha, que fez rasgar pela sua artilheria.»

Em todo o caso, já estava considerando o delicado escriptor como adversario convicto, quando me deu a tentação de percorrer o segundo volume, publicado em 1875. Oh! ceus! Ah! o e é completamente banido, e entre outros periodos lêem-se os seguintes:

«... acharam os fortes aprecebidos e arrogantes com a artilheria que A. de Mello lhe fizera enviar de Baçaim.»

«... que consistiam em seis companhias de infantaria, um corpo do cypaes, artilheria da ultima monçião.»

E pois que não sei como explicar este reviramento ao breve intervalo de dois annos, tenho tambem como neutral o mavioso cantor do *D. Jayne*, e com elle ponho ponto no interrogatorio das testemunhas que, na grande maioria, são contestes, havendo um dissidente, de altissimo valor, e dois neutraes, duvidosos ou indifferentes.

Em todo o caso, quiz longe se está do *articulo*, do *artelho* e da *artelharia*, de que se pretende fazer a derivação philologica da palavra moderna.

Se até aqui tenho invocado a autoridade dos mais competentes na materia, não quero que ao processo deixe de juntar-se o reforço dos desconfiados officiaes, e convido o leitor a uma agradavel digressão por quasi um seculo das ordens do exercito. Não custa nada. E percorrer apenas noventa e tres annos d'aquella publicação, por que o ministerio da guerra falla e dá ordens a toda a força armada, sendo para notar que n'este larguissimo periodo muitos homens eminentes, não só na sciencia militar, como tambem nas boas letras, presidiram a tal publicação e a subcreveram e authenticaram com a sua chancellia ou assignatura.

Concepo por 1809, que é o mais afastado tempo a que posso com facilidade chegar; e, em março d'esse anno, o ajudante general Mosinho, em nome do marechal Beresford, determina que «o sr. brigadeiro Rosa, além de commandar os 4 regimentos de artilheria e destacamentos respectivos, commande em geral todos os diversos ramos de artilheria.»

N'esse mesmo anno e n'esse mesmo mez, lê-se no documento official:

«Mas por falta de trazer artilheria, foi obrigado a retirar com grandes perdas.»

E' verdade que tambem se diz que «o marechal commandante em chefe inspeccionou o regimento de infantaria 30 ultimamente chegado de Elvas.»

Todavia n'esse anno e nos subsequentes a desinencia mais usual e qual uniforme para a designação das duas armas é *aria*.

Em 1825, encontra-se, desde a primeira até á ultima ordem do exercito, *infantaria*, e *artilheria*, mas no anno immediato, encontra-se o contrario, *infanteria* e *artilheria*.

Em 1827, subsiste o *e para* infantaria, e em janeiro depara-se com *artilheria*, mas logo em fevereiro *artilheria*. Em 1829, é uniforme a terminação *eria*, que subsiste até 1834.

Então, sendo mais vulgar a terminação *aria*, ainda ás vezes apparece a outra: Em 1835, domina o *aria*, que lança um unico reboto para janeiro do anno immediato em *infantaria*, ao mesmo passo que só escreve *artilheria*. E desde então até hoje, nunca mais se encontra senão a uniformissima desinencia *eria*.

Sessenta e seis annos completos de posse pacifica e indispudada parece que já deviam constituir direito inalienavel.

Quanto a *engenharia* é palavra relativamente moderna. Corpo de engenheiros, de artifices, de sapadores se encontra o barrico no documento official; mas só na organização de 20 de dezembro 1849, publicada na primeira ordem do exercito do anno immediato, se lê pela primeira vez a palavra *engenharia*, que vive assim e floresce até hoje, apenas com alguns casos esporadicos de *engenharia*, pelo meado do decennio de 1850 a 1860, quando aliás se continuava ininterruptamente a escrever *artilheria* e *infanteria*.

Quer dizer: tem havido fluctações e incertezas, mas desde mais de quarenta annos, as ultimas hesitações cessaram e officialmente se fixou o suffixo *eria*, que litterariamente estava admitido e adoptado por quem tinha competencia e autoridade para lhe dar fôros de naturalisação.

Perguntar-me-á o leitor porque, e que a cavallaria foi exceptuada da regra geral. Os anjos que lhe respondam, que eu só sei que não foi culpa de Almeida Garrett, de quem herdamos os trechos seguintes:

«Offendem o senso commum aquellos sonhos de cavalleria andantes.»

«A cavallaria e a poesia d'esses tempos foram pois inseparavelmente ligadas» (*Romanço: Prologo*).

«Auctor do celebre romance de cavallaria, o primeiro que em lingua moderna se escreveu» (*Da educação*).

Mas a tentativa não pegou, e o que a mim me quiz parecer é que, sendo este vocabulo muito mais antigo do que os seus concurrenzes, nascido e baptisado quando ainda o suffixo *eria* não tinha fôros de cidade, nem se usava, se preferiu deixar-lhe o *e* como titulo aristocratico ao brazão heraldico, a documentar a sua anciandade e a sua gloriosa tradição.

E foi bem.

Nas outras palavras de desinencia idéntica, embora nem em todas o *aria* ou *eria* seja sufixo, sendo em algumas apenas o *ia*, o accordo estava estabelecido desde muito, e Garrett legou-nos exemplos de todas:

«Deixemos esse tom de galanteria, senhor cavalheiros (Auto de Gil Vicente).

«A força é impotente diante d'elle, a sobranceira popular inutil e mal cabida».

... quanto mais pensam adquirir força e adiantar os negócios com essa profissão de independencia e de altaneira, mais se enfraquecem e mais embarçam a questões (Discursos parlamentares).

Em Camillo tambem se encontra galanteria, *loteria* e outros de equal desinencia; mas, observação curiosa! A. Herculano nunca empregou, que eu visse, a palavra galanteria em toda a sua obra de litteratura amena!

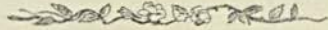
Do que vai dito se deduz claro que não só a desinencia *eria* é portuguezissima, mas tambem que o sufixo *eria* estava adoptado por quem tinha competencia para o adoptar e depois generalisado pelo consenso de escriptores de boa nota e justifficadissima nomeada, e, no caso restricto da denominação das armas, tinha, sobre todos estes titulos de nacionalisação, a larga sanção official de mais de meio seculo.

Ora esta conformidade, que ultimamente estava sendo uniformidade, veio quebrar-a a imprensa nacional, *autoritate sua fenerator*, isto é, o capricho e a arbitrariedade, estabelecendo a confusão onde havia ordem, dando lugar a que uns aceitem, como já estão aceitando, o regresso á velha formula obsoleta, outros protestem contra a innovação decrepita e vá, desviando todos do fim a que se devia mirar, que era o de escrever uniformemente, fim que se não obtem pelo retrocesso a antigas formulas, aliás variaveis de classico para classico e até mesmo nos escriptos impressos do mesmo classico, mas fixando a linguagem actual tal como é adoptada por boas autoridades e de uso corrente.

Poderia um bom dictionario, um dictionario que tivesse força legal para se impôr, mencionar, em noção erudita, que o sufixo *aria* fóra o mais originariamente portuguez, mas que, na evolução da lingua, tinha sido em muitos casos, como na designação das armas, substituido por autoridades valiosissimas, entre as quaes se encontram numerosos academicos, pela desinencia *eria*, que, attenta a mudez da vogal, só quasi do mesmo modo, que é mais bonito graphicamente e que dá um tom de suavidade ás palavras, pois ninguém que se prese dirá galantérias a uma senhora e tão só galanterias!

Deixem pois artilheria e infantaria como desde muito vêm escriptas e não perturbem mais com caprichos e ostentações de archaica erudição o que já infelizmente anda muito perturbado.

A. M. DA CUNHA BELLEM.



José Antonio de Castro e Silva



*Antes quebrar que torcer. — nunca a ninguém se terá applicado com tanta justiça e verdade esta divina dos antigos portuguezes. Hoje quebram, é certo, mas as *quebras* são quasi sempre fraudulentas. Este, se um dia *quebrasse* ficava sem camisa, mas não torcia — quebrava pelo são, realisando assim o ideal phenomeno de se partir ficando inteiro.

Cremos que bastaria este trocadillo para descrever o homem, mas como o Brasil-Portugal ha de fornecer elementos para a historia actual, e como leitores meticulosos exigiram notas biographicas, nós pondo de parte a beselhotice de comprometedora data de nascimento, diremos:

Que o José Silva nasceu em Portugal, moço ainda, para o Brasil, que o tentava. Começou então a lucta pela vida — lucta de todos os dias, mas de que sahiu triumphante pela sua tenacidade e firmeza de principios.

Hoje é o chefe da casa José Silva & C., do Rio, com filial em S. Paulo e largas officinas de fabricação de artigos de couro e selaria, tornando-se assim um factor importante do desenvolvimento da industria nacional.

Retraido na sombra da modestia, José Silva vale pelas qualidades do espirito e pela bondade nata. Inteligente e amante do seu paiz, a sua iniciativa rasgada e a sua bolsa estão sempre ao serviço de todas as instituições portuguezas, a que tem prestado serviços relevantes. No braço de armas, se o tivera, poderia escrever-se isto: «Tudo pela honra. Pelo dever tudo».



Momento lucido

Não me lamente, creança,
Que eu resignei-me — bem vês...
Já não é pouco esta esperanza
De mais te amar cada vez!...

Nem chores — que desencantas...
Muita prudencia! Olha bem
Que á gravidade das santas
Não fica mal o desdem...

Tu culpa não tens nenhuma;
Que tu, na essencia, és mulher,
E sendo mulher, em summa,
Que melhor podias ser?...

A culpa é d'essa cabeça,
Que isso, quem ama demais
E' força, emfim, que envelheça
A namorar ideias!

Cantei-te. Pobres estrellas!
Não descanses de humilhar
A sacrosanta luz d'ellas
Ante a luz do teu olhar...

Chamei-te aos labios medronhos,
A ti pomba, archanjo, flor...
E no terço dos meus sonhos
Levei-te em cima do andor...

Um dia, como um bandido,
Insinuê-me nos ceus...
E achando Deus combalido
Puz-te no throno de Deus...

Bem merece, pois, tormentos
Quem tanta loucura fez...
Contudo, tregoa a lamentos
Que eu resignei-me — bem vês...

Demais, dentro d'alma, o crente
Conserva a santa de pé
— Ao menos gloria a gente
Este heroismo da Fé!

Basta-lhe a gloria suprema
De ser, em tempo de atheus,
O unico heroe que se estrema
No feito de amar um deus...

Accepta-lhe, pois, capella
Inseno, ritos, altar...
Mas impassivel! Castella
Não desças do teu logar!...

José Newton.

CANTOS AO VENTO

ORIGINAL

Quando á tarde o sol cadente
Tinge de purpura o ar,
E se recosta indolente
Na túnica azul do mar;

Quando á tarde, chilreando,
Os pardaes e as cotovias
Vão em bandos procurando
As carvalheiras sombrias,

E nem a mais leve aragem
Turva a agua ou faz mover
Um só ramo da folhagem,
Uma hervasita sequer,

A minh'alma, q'rido amor,
Ao vêr a luz do sol posto,
Pensa no vivo rubor
Com que se tinge o teu rosto,

Quando louco de ternura
E de desejos sem fim,
Te cinjo pela cintura,
Te estreito de encontro a mim...

Depois, meu anjo adorado,
Se n'essas tardes de estio
Vejo o céu photographado
Nas aguas mansas do rio,

Ou a ransagem pendida
D'um longo chorão frontente
Debruçada e reflectida
Sobre as aguas da corrente,

Eu fico a pensar, creança,
— Vê tu que comparação! —
Na profunda semelhança
Que ha entre ti e o chorão:

Elle curva-se de moço
A vir nas aguas tocar;
O teu corpo dobra todo
Para no meu se apoiar:

Cede á pressão do meu braço
N'um abandono sublime
Como uma lamina de aço,
Como um junco, como um vime!

E quanto mais eu o estreito
De encontro a mim, linda flor,
Mais sinto arfar o teu peito,
Mais vejo fugir-te a côr...

E ao ter-te por esse modo
Immovel como uma imagem,
Percorre-me o corpo todo
Não sei que impulso selvagem,

Não sei que mysterio infindo
Que me faz sentir desejos
De vestir-te o corpo lindo
Co'uma túnica de beijos...

E fico a pensar, Maria,
Olhando-te extasiado,
Na ventura que seria
Passar a vida a teu lado!...

TRADUÇÃO

Lorsque le soleil qui baisse
Met l'horizon tout en feu
Et s'allonge avec paresse
Sur la mer, — un manteau bleu;

A l'heure où la gente ailée,
Avec un doux gasouillis,
Va de quelque verte allée
Chercher les sombres abris;

Lorsque enfin sur l'eau tranquille
Le vent s'endort tout de bon
Et pas un rameau n'oscille,
Pas même un brin de gazon,

Mon âme, ma bien aimée,
Voit dans les feux du couchant
La teinte rose animée
Qui sur ton front se répand,

Lorsque, épris d'amour, j'embrasse
Dans un fol désir sans fin
Ta taille mince, et j'enlace
Dans mes bras ton corps si fin...

Et quand parfois je m'attarde,
Mon bel ange, un soir d'été
Près de l'onde où je regarde
Le ciel d'azur reflété,

Ou la verte chevelure
De quelque saule pleureur
Penchant sur l'eau qui murmure
Son immobile langueur,

Alors, douce enfant, je pense
— Je te le dis sans détours, —
A l'étrange ressemblance
Entre l'arbre et mes amours:

Comme là-bas chaque branche
Cherche l'onde en se courbant,
Ainsi se courbe et se penche
Sur mon corps, ton corps charmant!

Il est, quand mon bras le presse,
Comme une lame d'acier:
Il a toute la souplesse
D'un roseau, d'un brin d'osier!

Et je vois, quand je t'enlace,
Que mon étrointe, ma fleur,
Décolore assez ta face,
Fait assez bondir ton cœur...

Et si ton corps s'abandonne,
En tombant en pâmoison,
Et dans le mien, qui frissonne,
Met un étrange frisson,

C'est presque un désir farouche
Qui me prend de faire alors
De maint baiser de ma bouche
Une robe pour ton corps...

Et je songe enfin, Marie,
A ce bonheur éniyant
De passer toute ma vie
Sans te quitter un instant!



D. Maria

O Enigma — Os Romanescos

A SOCIEDADE artistica do theatro D. Maria não merece senão louvores pelo meticoloso cuidado com que faz a escolha das suas peças. Mais de uma vez tem afrontado o paladar do grosso publico e posto em risco o cofre da bilheteira por ter optado pela mais pura e alta litteratura, á qual vae buscar peças não raro duvidosas com relação ao exito, mas de molde a satisfazerem em materia de grande theatro.

Longo seria enumerar as peças de que, desde a sua organisação, a sociedade artistica tem pozido em scena, mas quem quiser passal-as em revista com facilidade verificará a asserção acima feita.

E o *Enigma*, de Hervieu, que tamanho successo obteve em França, e *Os Romanescos*, de Rostand, uma das mais lindas, espirituosas e encantadoras comedias do moderno repertorio, vêm provar que no velho theatro do Rio de Janeiro se faz arte e que, apesar de mudança de nomes, se applica sempre o mesmo criterio á escolha das obras a representar.

O *Enigma* é tão conhecido já, que dispensa longas descripções. É a eterna questão do adúltero, mas tratada de uma forma nova, original e imprevisita. Ha dois maridos e duas esposas, sabem ambos que um dos dois é atraído, mas nenhum d'elles sabe qual é. Nisto é que está o *enigma*, e é em volta d'estes mysterios que se desdobra toda a interessante acção da peça. Estes maridos são dois fortes, tem ambos o egoismo da posse, ambos sentem o mesmo desejo terrivel e imperioso de coherem a verdade, que afinal á ultima hora, por meio de um *truc subtil* habito se descobre. A solução depois é a mesma das de Dumas filho, mas o processo para lá chegar, accentuadamente theatral, é que por completo se afastam.

O *Enigma* não tem senão dois actos, ambos, porém, especialmente o segundo, de uma poderosa intensidade dramatica que empolga e domina o espectador. D'ahi o exito que em toda a parte tem obtido.

Os artistas que tomaram a seu cargo o desempenho das poucas figuras, entre as quaes se passa esta violenta acção dramatica, saíram-se bem da responsabilidade que a interpretação lhes impuz, e se entre elles alguém quizessemos salientar seria o já tão laureado nome de Ferreira da Silva, o primeiro a cair-nos dos bicos da penna. E' um dos maridos e fala-o excellentemente. Augusta Cordeiro, Possier, Maria Oliveira e Fernando Pinto contribuíram, cada uma na escala das suas forças para o exito alcançado com a peça de Hervieu, que o sr. Madureira transplantou com felicidade para a nossa lingua.

Os Romanescos é um encanto, e o sr. Mayer Garção, tido como um poeta distincto não fez senão realçar o seu theatro, ao pôr em harmoniosos versos portuguezes a adoravel comedia de Rostand.

Que deliciosa ironia, que bem achadas situações, que finos pensamentos, atravessam esses tres actos, que são, para cada ouvinte um verdadeiro regalo espiritual!

Os dois velhos, dois typos dos mais originaes e inconfundiveis, que Possier e Costa souberam reproduzir, o apaixonadissimo namorado a que Carlos Santos deu uma graciosa interpretação, como foi adoravel a que deu Cecilia Machado ao papel de namorada, e o engraçadissimo espadachim, a que imprimiu esplendido relevo o talento de Ferreira da Silva, são figuras que nunca mais se esquecerem e que se completam no desempenho.

E os artistas que de *Os Romanescos* se encarregaram, sabendo a responsabilidade que lhes cabiam, estudaram a peito os seus papéis e conseguiram realmente individualisa-los por forma que bem têm merecido os louvores da critica e os applausos do publico.

D. Amelia

O outro eu

Comedia em 3 actos accentuadamente humoristica, pertence ao genero d'aquellas que fazem rir o espectador e a audiéncia desprezada, sem se lembrar sequer de que um actor que tenha graça a valer não precisa de coherencia ou de logica para triumphar em scena. Está n'esse caso *O outro eu*. D'isso não quer o publico saber,

e como para este genero de peças, que entram pelo burlesco, a critica pouco mais tem a fazer do que ser da mesma opinião do publico, aqui registamos a nossa, que da outra não differe absolutamente nada.

E' uma comedia engraçadissima, com situações e ditos é tão mesma altura, com personagens verdadeiramente comicos, e com uma sciencia de *saïtir*, um tão vasto *savoir faire*, que no seu genero se pode bem considerar uma obra prima.

Desempenho tambem raras vezes é tão completo e harmonico, e são poucos todos os elogios que se façam a Augusto Rosa, que fez uma verdadeira creação no papel de *Barisard*, e sobretudo na parte em que se hespanhóu para passar por outro.

Para dar todos os effeitos comicos, torna-se difficil a interpretação de *O outro eu*, e é por isso mesmo que mais avultam as excellencias do desempenho, confiado, além de Augusto Rosa, a Rosa Damasceno que no papel de Suzana tem um trabalho notavel, a Carolina Falco, Maria Falcão, Jesuina Saravia, Elisa Santos, Augusto Antunes, Alves e l'inhoiro.

A traducção é de Eduardo Garrido. Está dito tudo.

Gymnasio

Juiz de uma canna

Comedia para o Gymnasio, bem viva, bem movimentada, desopilante, cheia de situações de um comico irresistivel, prolonga a vasta serie de peças nationaes e estrangeiras que constituem o repertorio d'aquelle theatro.

O Juiz de uma canna pertence ao genero d'aquellas de que não ha descripção possivel. É pallido qualquer *compte rendu* que d'ellas pretenda fazer-se, porque é nos *qu-pro-quis*, muitas vezes nos disparates, no illogico da acção, no imprevisito e no extravagante das scenas e dos personagens, que ellas vão encontrar vida, interesse, graça, e as gargalhadas ou applausos de momento a coroar o trabalho do auctor e a assegurar o exito perante o publico, que não póde exigir mais do que isso.

N'esta especialidade theatral Bisson pode considerar-se um mestre e não acha arrojada a asserção que uma vez pelo menos fôr desopilar o figado com o *Juiz de uma canna*.

Os artistas do Gymnasio são tallhados á maravilha para estes personagens comicos que não raro degeneram em caricatura, mas que ainda assim, nas comedias de Bisson, conservam sempre uma linha de comedia que não desamba em exageros. Assim o comprehendem Cardoso que deu magnifico relevo ao escriptor Bluteau, e os artistas Solier, Telmo, Josepha de Oliveira, Adelaide Coutinho, Sophia Santos, Pinheiro e outros ainda que deram vida aos comicos personagens da comedia, que Accacio Antunes traduziu esmeradamente com a graça que elle imprime aos seus trabalhos de theatro.

JAYME VICTOR.



Corbiçano Villaça

Bariteiro brasileiro

Este artista brasileiro que está terminando em Paris os seus estudos como cantor de opera lyrica, apresenta-se ao publico de Lisboa em um concerto, no salão do Real Conservatorio de Lisboa.

Vem de uma *tournee* pelas cidades do seu paiz, onde foi muito applaudido e regressa breve a Paris onde tenciona debutar na Opera Comique.

BRASIL PORTUGAL

Composição e Impressão

Texto e caps.: Companhia Nacional Editora
Largo do Conde Barão, 30Páginas suplementares: Off.º Estêvão Nunes & F.º
Rua d'Assumpção, 18 e 24

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores

Augusto de Castro, Jayme Victor, Loré Taveira

Editor—Luiz Antonio Sanchez

Redacção e administração—Rua de S. Roque, 115

End. telegraphico—BRATUGAL—LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA	ESTRANGEIRO
Numero avulso	36000	Anno	50,000
Anno	120000	6 mezes	25,000
		3 mezes	12,500
		Numero avulso	5,000
		Anno	25,000
		6 mezes	12,500
		Numero Avulso	5,000

SUMMARY

O Para Leão XIII.

A sua vida e a sua obra—E. H. VOLLET.

Pensamentos.

Politica internacional—CONSULHOS PEDROSO.

A Princeza Rattazi e o livro «Le Portugal a vol

d'oiseaux»—PINTO DE CARVALHO (Tinop).

Os boys.

Uma immortal—J. M. SANTIAGO PRESADO.

Cantigas—JOSÉ FABIA MACHADO.

Medicos e doentes—LOZ.

O Rio Ave.

As armas—A. M. DA CUNHA BELLEM.

Visitas da cidade do Amparo—Estado de S. Paulo

(Brasil).

José Antonio de Castro e Silva.

Momento lucido—JOSE NEWTON.

Cantos ao Vento—EÇA DE ALMEIDA—GELESTINO

SOARES.

Theatras—JAYME VICTOR.

Corbiniano Villaga.

PAGINAS SUPPLEMENTARES

Secção de annuncios.

Os nossos correspondentes.

Album «Brasil-Portugal».

Album «Brasil-Portugal».

Bom conselho.

O nosso proximo numero.

Electricidade—ORVAL.

Cartas sem titulo.

Correspondencia d'África.

O CEGO—Romance de PEREZ GALDÓS.

ANNUNCIOS.

21 Illustrações

SECÇÃO DE ANNUNCIOS

Vinhos Villar & Allen.

Grande Hotel Metropole—Rio de Janeiro.

Dr. Alves Quintella.

Veados.

La union y El Fenix Español.

Hotel Durand—Lisboa.

Cesar A. Pólviz, dentista—Lisboa.

Gabinete Hydratherapico—Lisboa.

Grande Armazem Herminios—Porto.

J. Nunes Corrêa & C.ª—Lisboa.

Lemos & Filhos—Porto.

Agencia Financiera de Portugal—Rio de Janeiro.

Fabrica de Gravatas—Rio de Janeiro.

Companhia Geral do Credito Predial—Lisboa.

Candieiros—L. de S. Domingos—Lisboa.

Aguas de Carabaña—Lisboa.

Pinto Alves & C.ª—Pernambuco.

Companhia Antarcica Paulista—S. Paulo.

José Silva & C.ª—S. Paulo.

Cunha & Irmão—Lisboa.

Chapelaria da Moda—Lisboa.

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A Empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO—Agencia Central dos Estados do Br.ºl. Coronel Theodoro Paço de Moraes e José Martins Pollo, Rua da Alameda, 4, sobrado.
PERNAMBUCO—A. Leopoldo da Silveira.

PARA—J. B. dos Santos—(Livraria Classica)—Rua

Jolo Alfredo, 50.

MANAOS—Jayme & Camara—Livraria Classica—

Rua Guilherme Moreira.

MARANHÃO—Leocadio J. de Medeiros & C.º

CEARA—Salles Torres & C.º

BAHIA—José Luiz da Fonseca Magalhães Livraria

Magalhães—Rua Direita do Palacio, 20

PELOTAS—Carlos Pinto & C.º (Livraria Americana).

PORTO ALEGRE—Carlos Pinto & C.º (Livraria Am-

ericana).

RIO GRANDE DO SUL—Carlos Pinto & C.º (Livr-

aria Americana) Rua Marechal Floriano, 100.

Em Africa

MOCAMBIQUE—Julio Augusto Pinto de Carvalho.

MOÇAMBIQUE—Joquim Teixeira de Assumpção.

SULMILITARY—Henrique Jorge de S. Neves

BENGOELLA—Mathias & Taveira.

LOURENÇO MARQUES—D. Bernardo Heitor da

Silveira de Lorença.

Na India

NOVA GOA—Antonio M. da Cunha—Casa Luis

Francosa—Rua Alfooso de Albuquerque.

No Continente

PORTO.—Joquim Caldas e Brito, Rua Pinto Bessa,

310.

EVOA.—Agente geral em Evora e no Br.ºl. Luis

Freixo Correia, Rua de Mouraria, 27.

BENAVENTE.—N. S. CARVALHO.

PONTE DE LIMA—Gama, Amara & Com.º

SOLIMILITARY—José Ribeiro Arraiza, Av. do Ivo, 12-3.

CARTELLO BANGO—Pedro Augusto Pereira.

ABALANTES—Antonio Augusto Salgueiro.

ELYAS—José Antonio dos Santos Sobrinho.

OL COBAÇA—José Narcizo da Costa.

PORTALGHESE—Domingos da Guerra Conde

LEIRA—Nunes Pereira Dias.

FIGUEIRA DA POZ—Antonio Marques de Oliveira.

VIANNA DO CASTELLO—J. B. Domingues.

CORUCCI—José Ferreira Cabral.

TAVIRA—José Maria dos Santos.

FARO—Mays & Trigozo.

No Estrangeiro

PARIS—Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 11.

REPRESENTANTES DO «BRASIL PORTUGAL»

No Estado de S. Paulo (Brasil) representam o

BRASIL-PORTUGAL os srs.:

Daniel Monteiro d'Abreu, em S. PAULO.

Zefirino Lourenço Martins (vice-consul de

Portugal), em SANTOS.

Alberto da Silva Costa (rua do Barão da Ja-

guara, n.º 1), em CAMPINAS.

Dr. João Guedes (rua do capitão Miranda, 8), em

AMPARO.

A. Vianna Pinto de Sousa (vice consul de

Portugal), no RUBIÃO PRETO.

Rio Solimões—J. C. Mesquita (casa Andre-

sen)—MARÁOS.

ALBUM «BRASIL-PORTUGAL»

Aviso aos srs. Assignantes

A Empresa do «BRASIL-PORTUGAL» resolveu dedicar aos seus assignantes de Portugal possessões e estrangeiro, paginas especiaes,

alem da da Revista, que formaria mais tarde, uma galeria curiosissima de retratos photo-gravura.

Assim, publicará, por grupos, os retratos dos assignantes da Revista que se contam por milhares, sem distincção de categorias.

Introduz-se d'esta forma em Portugal uma innovação original e extremamente interessante, nunca até hoje adoptada na Europa, e o BRASIL-PORTUGAL tornar-se-ha em pouco tempo um album de valor, em que figurem as mais illustres e as mais modestas individualidades.

Representa um grande augmento á despeza, é certo, esta idéa. Mas ella, não será impraticavel se a Empresa fór secundada pelos srs. assignantes do BRASIL-PORTUGAL. Espera ella, portanto, que os srs. assignantes enviem directamente á redacção da Revista, rua de S. Roque, 125, 1.ª, Lisboa, as respectivas photographias, e desde já agradece.

NOTA—As remessas devem ser registradas.

Os retratos devem ser em cartão album.

No verso das photographias devem ser mencionados os nomes por extenso dos srs. assignantes, localidades em que residem, e profissões ou situação.

A Empresa pede com empenho a maxima brevidade nas remessas das photographias afim de serem immediatamente reproduzidas pela photo-gravura.

Deixou de ser correspondente do «BRASIL-PORTUGAL» em Bolama (Guiné) o sr. Cesar A. Gouvêa da Silva Homem.

Bom conselho

— Como tu estás abatido, rapaz!

— Que queres? Loucuras... excessos... o

diabo!...

— Mas agora reparo... Tu estás forte, rij,

com boas côres. E eras tão fraco!

— Cozias, meu velho. Faz como eu, toma

o Chocolate Brasil, que se fabrica no

Moinho de Ouro, no Largo de S. Francisco

do Rio de Janeiro.

O NOSSO PROXIMO NUMERO

No n.º 75 do «BRASIL-PORTUGAL» publicaremos o interior da casa do sr. Conde Sabugosa, com um retrato do illustre poeta, copla de uma tela de Sua Magestade a Rainha.

O artigo descriptivo das preciosidades artisticas que se admiram no palacio do Calvario é firmado por Abel Botelho.

O «BRASIL-PORTUGAL» dedica tambem algumas das suas paginas a homenagem prestada a VICTOR HUGO, pela Associação dos Jornalistas de Lisboa, inserindo gravuras do busto feito pelo grande artista Raphael Bordallo Pinheiro, um grupo dos membros da comissão organisadora da festa, os retratos dos artistas e as poesias que elles recitaram.

ELECTRICIDADE

IV

A electricidade não se distribue igualmente por todos os pontos do corpo electrizado a não ser que este seja espherico; mas quando se trata de um corpo alongado em qualquer sentido, um ellipsoide, por exemplo, a electricidade vai-se accumular nas extremidades do maior diametro; e se esse corpo terminar em ponta a electricidade escoar-se-ha por essa ponta, de forma que origina uma corrente de ar bastante

forte para fazer inclinar a luz de uma vela e mesmo apagal-a. E' este phenomeno chamado do vento electrico e aproveitou-se para a experiencia seguinte chamada do *tornequete electrico*: Tomam-se seis ou mais fios de latio, cujas extremidades se aguçam por meio d'uma lima, a distancia de 2 ou 3 centimetros da extremidade aguçada, revira-se esta em angulo recto; a outra é espatada n'uma rodela de cortica, de forma que os 6 arames formam como que os raios d'uma roda; este systema é collocado em equilibrio sobre um outro fio de latio que está fixo ao conductor da machina; logo que esta funcione, a corrente electrica escapa-se pelas seis pontas e originará uma força de reacção bastante para fazer mover o tornequete; este movimento será tanto mais rapido quanto mais intensa for a corrente.

Todo e qualquer corpo recebe uma determinada quantidade de electricidade; pôde, porém, em certas e determinadas condições receber maior quantidade do que a que normalmente pôde receber; é o phenomeno da *condensação electrica*; osapparehos adequados a tal fim temem o nome de *condensadores*.

A construcção dos condensadores não é muito trabalhosa; vamos ensinar a maneira de fabricar condensadores e depois descreveremos as experiencias que com elles se podem fazer.

O *condensador de lamina de vidro*, apparelho com o qual se podem fazer quasi todas as experiencias de condensação; é um apparelho composto de uma lamina de vidro, tendo colladas nas suas duas faces duas folhas de estanho mais pequenas, de forma que entre o limite da folha de estanho e o da lamina de vidro fica um rebordo de 5 ou 6 centimetros de largura; a carga que o apparelho pôde le ar é tanto maior quanto maior for a superficie das lamina d'estanho e mais delgado for o vidro; para o carreggar basta pôr uma das folhas d'estanho em contacto com a machina electrica e a outra com o solo.

O *quadrao fulminante* não é mais do que um condensador de lamina de vidro; carregase-

da mesma maneira que este ultimo; desligando-o da machina depois de carregado, deixando a outra face em ligação com a terra e convidando a qualquer pessoa a tirar uma moeda que previamente se tenha collocado sobre o quadro, essa pessoa receberá ao tocar no quadro um choque e não poderá tirar a moeda em vista da contracção dos seus musculos.

O *condensador por excellencia*, que melhores serviços presta e que melhor que qualquer outro serve para as experiencias da condensação, é a chamada *garrafa de Leyde*; tambem de facil construcção. Basta para isso possuir um frasco de bocca larga, que se encherá de oiro musivo (bichloreto de estanho); este oiro musivo é com grande vantagem substituido por delgadas folhas de cobre ou estanho; o frasco não fica cheio de todo e é em seguida rolhado com uma rolha de cortica e lacrada fortemente. Atravez da rolha faz-se passar uma haste de latio, que vai tocar nas folhas de cobre e que fora se curva de forma a formar um gancho, terminando por um botão metallico na sua extremidade livre; este conjunto de folhas de cobre postas em communicação com o exterior por meio d'este gancho metallico, constituem o que se chama *armadura interna*.

A *armadura externa* é formada por uma lamina d'estanho collada á garrafa pela parte de fóra e que a reveste nos seus dois terços inferiores.

Não se dispoño na occasião de todos os artigos necessarios para fabricar a garrafa que acabamos de descrever, nem por isso devemos de desistir de arranjar uma garrafa de Leyde; Gaston Tissandier descreve a maneira de fabricar facilmente uma garrafa de Leyde, que dá faiscas de rasoavel tamanho. Um copo, folha de estanho, chumbo de caça e uma colher, taes são os materiais que elle emprega.

Enche-se o copo com o chumbo, no meio enterra-se a colher; corta-se a folha d'estanho ao exterior do copo e está prompta a garrafa.

Ainda no caso de não ter ao alcance o chumbo de caça, se pôde lançar mão da agua, que perfeitamente substitue a armadura interna da garrafa.

A *jarra electrica* pouco differe da garrafa

VINHOS VILLAR D'ALLEN CHAMPAGNE VINHOS DE PASTO

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

AGENTES: JOAQUIM JOSÉ GONÇALVES & C.ª

Rua 1.º de Março, 59 — RIO DE JANEIRO

GRANDE HOTEL METROPOLE

Incontestavelmente o primeiro do Rio de Janeiro

Gerente: CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

O *Metropole*, pelo seu conforto e situação pittoresca, é o hotel preferido por todos quantos chegam da Europa.

Bonds electricos dia e noite

A 5 minutos da Estação do CORCOVADO

Rua das Laranjeiras, 181

RIO DE JANEIRO.



apenas o frasco tem o bocal mais largo; a armadura interna é formada por uma folha de estanho collada á face interna da garrafa e a haste metálica é recta e termina em bôtilo e em baixo d'uma corrente metálica, que se pôe em contacto com a armadura interna.

A bateria electrica é formada por uma serie de jarras (4, 6 ou mais) metidas dentro d'uma caixa de madeira e em que todas as armaduras externas communicam entre si, o que se consegue forrando a caixa de madeira, por dentro, de folhas d'estanho; as armaduras internas egualmente communicam por meio de hastes metálicas.

A maneira de carregar estes varios aparelhos é a mesma sempre: armadura interna em communicação com a machina; armadura externa em communicação com o solo; a garrafa de Leyde e a jarra podem segurar-se com a mão, tocando na armadura externa, enquanto se aproxima o bôtilo da machina electrica; a bateria é que precisa de cadeias metálicas para se fazer a communicação. ORAVAL.

Cartas sem titulo

Tal é o título de um bello exemplar de 326 paginas, editado no Rio de Janeiro e que nos apparece com a assignatura de *Jose Estêvão*, pseudonymo de Fabios Monteiro, hoje redactor do *Journal do Commercio*. O seu autor, um rapaz de merito incontestavel, jornalista de valor e polemista consciencioso e modesto — caso raro neste cosmorama de mediocridades guiadas pelo elogio mutuo — impoz-se por si, a coberto de um nome supposto — nome que, aparentemente com immatura euforia, uma gloria do parlamento portuguez. As *Cartas sem titulo* appareceram no *correo Paulistano*, de S. Paulo, em 1900 e 1901 e fizeram sensação pela firmeza da linguagem e pela independencia com que eram escriptas.

O *Brasil-Portugal* agradece ao seu autor o interessante volume que lhe foi enviado, e recomenda a sua leitura a todos os leitores que pouco se conhece a litteratura e os homens de letras do Brasil.

CORRESPONDENCIA D'AFRICA

Quelimane — Janeiro — 1902 — Realisaram-se no mez passado, na fôrteira que a Companhia da Zambesia possui em Coalane, a 15 kilometros d'esta villa, os appetidos festejos annuaes para o dia de Nossa Senhora da Conceição, patroa do reino, havendo carreatas extraordinarias de combates a preços reduzidos e sem almôço para os passageiros de 1.ª e 2.ª classes.

Esta festa, que excedeu muito a boa opinião que d'ella se fazia anticipadamente, foi assim distribuida: Missa campal, de que foi celebrante o rev. padre Faria, almôço, feira de gado, cereas, productos cafezes e agricolas da Companhia, rematada por uma encenação garrida da que se fez delicias d'aquella tarde.

Na garrida tomaram parte os seguintes cavalheiros: Marianno Machado, intelligente; Alexandre da Silva Magno, cavalloite; Manuel Dique Lavrador, Arnaldo Rebello Feio, Arsenio Antunes Garcia, Joaquim da Silva Pimenta, Pedro Lencastre, Gonçalves, Antonio Cardoso, José Antonio Teixeira de Sousa, e outros cavalheiros de quem não podemos apurar os nomes, por não conseguirmos uma lista da corrida. Segundo cremos a unica que se fez ficou com ella o sr. Marianno Machado.

Excusado será dizer que n'uma terra com Quelimane, onde se morre de aborrecimento pelo menos 365 vezes cada anno, esta festa casua como a sepa no mar, deixando em todos os espiritos todos grates recordações que ainda se falla d'ella com o ardente enthusiasmo de até ulli.

Um almôço e uma tourada!... É muito para uma terra habituada a pic-nics de arroz de caril e peixe frito que não é raro serem regalados com o vinho de... palmeira ou aromático cajal.

O almôço meo no mar, também especial attenção pela diversidade de appetivas egurias que os convivas faziam desaparecer dos pratos com uma presteza magica.

Excudiu muito o que se esperava, havendo em vez dos cinco pratos annunciados muitos outros primorosamente cosinhados, sendo os ul-

timos regateados por alguns convivas menos gastronomos.

Apesar de tudo alguns descontentes houve que pretenderam fazer acreditar o contrario, o que nunca falta em casos semelhantes, mas principalmente, quando ha a pretensão de querer fazer-se servir pelos seus moleques por ninguem os ter melhores: o que elles muito bem confirmaram piscando o almôço do patrio e deixando-o a chupar no dedo.

Alguns casos d'estes foram presenciados e dignamente recompensados com bem adequados correctivos por cavalheiros conscienciosos!

Bem hojam!...
É digno de louvor o sr. Machado pela boa direcção que deu a esta festa de que decerto foi tambem iniciador e pelo que a companhia, lhe deve estar bastante grata. Merece-nos louvores especies pela sua boa idea e felicidade em conseguir que a ex.ª sr.ª D. Edwiges d'Azevedo tomasse a seu cargo o almôço, tão difficil como trabalhosa tarefa, de que se satiu magistralmente com a sua reconhecida habilidade culinaria; e com equal paciencia e resignação, pois sabemos que teve serios motivos para se arrepender depois.

Consta nos que esta festa é o prologo de muitas outras e que o recinto mandado cercar pela companhia da Zambesia para esta garrida continuava.

Deus queira (o sr. Machado) que estes bôcos tenham o pretendido fundamento com o que muito têm a lucrar os habitantes de Quelimane e os cafes da companhia.

Informaremos sobre o assumpto do que houver.
— Regressaram vindos de Lisboa pelo vapor *Kanfer* os srs. Balthazar Farinha e Es.ª esposa e os srs. Ribai e Bastos e considerados proprietarios d'esta villa. Sejam bem vindos.

— Devem seguir no mesmo vapor para Moçambique os srs. Agrippino Annibal Antunes Garcia e Henrique Zenoglio portadores das actas eleitoraes dos concelhos de Quelimane e Tete, da eleição para deputado pelo circulo de Moçambique.

— Esta vez não houve opposição nem violencia, nem carneiro com batatas no Maquial.

— Largou para Moçambique no dia 27 o cruzador *S. Raphael* e no dia 28 a canhoneira *Chaimite*.

— Constam nos que se retiram brevemente para Lisboa os srs. Marianno Machado, director da Companhia da Zambesia, e o sr. Vasconcellos, empregado da mesma Companhia.

— Em hora da guarnição do cruzador *S. Raphael* e em beneficio da viuva do dr. Salles Caldeira, Conservador d'esta comarca, realisou-se nova tourada, em Coalane no dia 23, tomando parte alguns cavalheiros inauguradores e alguns officiaes e praças do referido navio.

Esta festa não foi tão concorrida como a principio se esperava e esteve muito lypge de merecer o enthusiasmo da primeira.

A excepção do Caminho de ferro systema Decauville e do Var que a Companhia estabeleceu no local deve ter sido insignificante a receita.

Quelimane — Fevereiro 1902. — A noticia da morte de Mousinho d'Albuquerque causou grande consternação em Quelimane deixando todos na duvida de tão inesperada noticia.

Infelizmente as duvidas não foram de longa duração, porque quem não teve conhecimento official do infortunio acontecimento, viu-o confirmado nas bandeiras a meia haste da secretaria e residencia do governo e mais estabelecimentos publicos consulares e commerciaes.

O telegramma do governo geral que dava a noticia do fallecimento de Mousinho era assim concebido:

«Com grande magua conhecimento o seguinte telegramma recebido hontem do governo. — Tenho profundo desgosto em lhe communicar que se suicidou hontem Mousinho d'Albuquerque.»

A este telegramma respondeu o sr. governador Sousa e Faro com o seguinte:

«Mousinho Albuquerque considerada perda nacional.»

Transmitto a v. ex.ª com os meus sentimentos os de todo o functionalismo militar e civil no meu districto.

Foi communicado officalmente a todos os chefes das repartições, corpo consular e commercial a triste noticia convidando-se ao mesmo tempo para uma missa solemne, que se realizou no dia seguinte na igreja de Nossa Senhora do Livramento pelas 9 horas da manhã.

Estiveram presentes todas as autoridades convidadas e muitos habitantes que espontaneamente foram prestar a ultima homenagem ao valente militar. (Correspondente).

Perez Galdós

O CEGO

Versão livre de LORJÓ TAVARES

— Quer-me parecer que desejavaes ardentemente encontrar pessoa a quem confiar esses segredos. Não é verdade? E nem um confidente te apparecia! Era de esperar. Estás tão só no mundo! Ora, antes de mais nada, dize cá: porque razão... ouve-me bem... porque razão se te mettuu em cabeça essa idea de acabar com a vida?

Nela não respondeu.
— Quando te conheci, ha dias, eras alegre e parecias satisfeita com a tua sorte. Que demonio deu origem a essa mudança repentina?
— Queria ir ter com minha mãe, respondeu ella, depois de ligeira hesitação. Estou farta de viver. Para que sirvo eu? Pois não é melhor morrer? Se Deus não quer a minha morte, eu não deixarei de morrer... morro com certeza... quero morrer.

— Essa idea de que não serves para nada é a origem de todas as tuas desgraças, mulher! Malditos sejam os que t'a inspiraram! Toda essa gente é responsavel pelo abandono, pelo isolamento e pela ignorancia em que tens vivido. Só Deus sabe o que tu serias em outras mãos! És uma creatura debil, delicada, talvez de muito valor... Que diabo! Dêem uma harpa a um rustico... Que fará elle? despedaçará... És fraca, és. Não podes partir pedra, nem carregar areia como essas duas bestinhas de fôrma humana que se chamam Miririca e Tepina, mas não é isso razão para se afirmar que para nada serves. Então não viemos ao mundo para trabalhar como cavalgaduras? Pois não ha em ti intelligencia, sensibilidade e dotes excepçionaes, que ninguem soube ainda avaliar! Ha, para alguma coisa serves e para muito servirias se encontrasses quem soubesse polir-te.

Marianela, fundamente impressionada por estas palavras, cujo sentido adivinhava por intuito, cravava os olhos no rosto duro, expressivo e intelligente do moço de d'Albuquerque. A admiração e reconhecimento enchiam-lhe a alma.

— Que mysterio é esse que te rodeia, pequena? acrescentou elle. Apresenta-se-te occasião para sair d'esse miseravel abandono em que vives e não a agarras pelos cabellos? Florentina, que é um anjo, cujo lazer de ti uma amiga e uma irmã... Não conheço exemplo mais frizante de virtude e de bondade... E tu que fizesse? Fugiste d'ella como um selvagem! Porquê? És uma ingrata, ou existe algum outro sentimento que...
— Não, não! atalhou Nela, inquieta. Eu não sou ingrata, e adoro a menina Florentina. Se até me parece que ella não é de carne e osso como nós! Se eu não sou digna de levantar os olhos para ella!

— Isso é o que tu dizes, mas o teu procedimento diz o contrario.
— Não sou uma ingrata! repetiu ella soluçando. Era esse o meu recio! Eu bem dizia que haviam de julgar-me ingrata, e isso causava-me tanta tristeza, quando pensava em morrer... Como sou uma estúpida, não lhe pedi perdão a ella, nem pude explicar-lhe nada...
— Eu remediarei essa falta, deusa, e me encarregarei de lhe provar que não foi por ingratidão. Agora vamos d'confissão geral. Dize-me tudo quanto sentes e a causa da tua desesperação. Por muito grande que seja o abandono e a miseria em que se vive, não se dá assim cabo da vida sem que haja um motivo poderoso para a aborrecer.

— Sim, senhor, é isso mesmo, é o que eu digo. De modo que tu aborreces a vida?
Nela conservou-se calada um momento, e depois, cruzando os braços, disse com energia:

— Não a aborreo, desejo-a.
— Pois las busca-la a bom sitio, não ha duvida!

— Eu creio que uma pessoa quando morre tem o que aquil não puede alcançar... E se isto não é assim, porque é que a morte está sempre chamando por nós? Eu souho, e quando souho vejo que os que morreram são felizes.
— Acreditas em sonhos?
— Acredito. E vejo as arvores e os rochedos que estou acostumada a vêr desde que nasci, e na cara d'elles...

Dr. Alves Quintella — R. de Gonçalo Christovam, 314,

PORTO



Do mesmo autor:

LICOR DEPURATIVO VEGETAL IODADO DO DOUTOR QUINTELLA

Do conselho de S. Maj. e estád. D. Carlos 1.º de Portugal, medico dos Hospitais da St.ª Antónia e de crenças Maria Pia, no Porto.—Distincto nos cursos de Philosophia e Medicina, e premiado em varias exposições nacionaes e estrangeiras.

Este depurativo approvado pela Directoria Geral de Saude Publica dos Estados Unidos do Brasil (sob o n.º 457) é o mais effizaz, até hoje conhecido, no tratamento das **doenças syphiliticas, Escrofulosas, Rheumaticas, de Pelle,** e nas **Saturações mercurias.**

Enviam-se folhetos especiaes, em que se encontram innumeros casos de curas devidamente authenticados no tratamento d'estas doencas, a quem os reclamar do Deposito Universal, R. Gonçalo Christovam 314—Porto (Portugal).

Estes preparados encontram-se á venda nas principaes Pharmacias de Portugal e Brasil.

Deposito principal no RIO DE JANEIRO.—José Cesar de Mattos

45, Rua Sete de Setembro, 45

—Hein?! hein?! Então as arvores e os rochedos tambem tem cara?

—Sim, senhor. Para mim todas as cousas bonitas veem e falam. Por isso quando ellas me dizem: «Vem, morre e serás feliz...»

—Que phantasia! murmurou Gólfim. Almas absolutamente pagãs...

E acrescentou em voz alta:

—Mas, se tu desajas a vida, porque não accestaste o offerecimento de Florentina?

—Porque... porque... a menina Florentina só me offerera a morte, respondiu ella.

—Muito mal julgas esse offerecimento caridoso. Es como tantos infelizes, que preferam a vida vagabunda e miseravel a todos os confortos que lhes proporcionem os de ordm superior.

Habituaste-te a esse viver selvagem de liberdade absoluta, e preferes essa liberdade aos carinhos e affeição de uma familia honesta. Mas tens ao menos tão feliz n'essa vida?

—Começava a ser...

—E quando deixas-te de ser feliz?

—Quando o senhor veiu, respondeu Nela depois de longa pausa.

—Quando eu vim?! De que desgraças fai eu enfiço portador?

—De nenhuma desgraça: só trouxe felicidades.

—Dei vista ao cego, disse Gólfim, observando attentamente a physionomia de Nela. Nem isso me agradece!

—Muito, sim, senhor, muito! respondeu ella, cravando no medico os olhos cheios de lagrimas.

Gólfim, sem deixar de a estudar, proseguiu: —Paulo disse-me que te quer muito. Antes e depois de recobrar a vista, não deixou de vigiar pela sua Nela. Para elle no Universo ha apenas uma pessoa: tu. A luz que lhe deram, diz elle, para nada mais lhe serve se não servir para te ver.

—Para me vêr! Pois não tornará a vêr a Nela! Nela não lhe apparecerá! exclamou a orphã com energia.

—Porquê?

—Porque Nela é muito teia. Pode-se ser amigo da filha da canela quando se é cego. Mas quando se abrem os olhos e se vê a menina Flo-

rentina, ninguém pode gostar mais da pobre Nela.

—Quem sabe...?

—Não pode ser... não pode ser! insistiu ella em tom de grande convicção.

—Sabes lá o que dizes! Não podes saber se agradao ou não a Paulo sem o demonstrares. Has de ir comigo...

—Nunca! não quero! bradou ella, levantando-se de repello e pondo-se em frente do medico. Theodorou emudeceu de surpresa perante aquelle tom decidido de Nela, cujos olhos pequenos e negros despalpam relampagos.

—Está bem. Tranquilisate, disse elle com brandura. É certo que não és muito bonita... mas olla tambem que não é bonito ser tão vaidosa e ter em tanta conta a belleza exterior. Tens um amor proprio excessivo, mulher!

Mas Nela, muda ás observações de Gólfim e firme na sua crença enruizada, disse com certa solemnidade:

—Não deve haver coisas feias no mundo. Nenhuma coisa feia deve viver...

—Pois, minha filha, se todos os feios tivessem obrigação de ceder lugar aos bonitos, muito despopovado ficaria o mundo! Doida! Afinal essa ideia não é nova. Já a tiveram outros que morreram ha seculos, pessoas de phantasia fertil como tu, e que como tu cauciam na Natureza como tu, e que como tu cauciam de certa luz que te feita por ser grande a tua ignorancia, como a elles faltava, mas por que essa luz ainda então não havia descido á terra. É necessario que te cures d'essa mania, e é necessario que te compentes bem de que ha dores de mais valia que a formosura, dotes da alma, que resistem á acção do tempo, e que não estão sujeitos aos caprichos dos olhos. Procura-os no fundo da tua alma e lá os encontrarás.

Não succederá com elles o que succede com a tua belleza, que, por mais que a busques no aço de um espelho, nunca a verás. Procura esses dotes preciosos, cultiva-os e quando elles crescerem e florem, nada receias: as inquietações de hoje desapparecerão. Saberes então ser superior a pequeninas mihiarias, e elevando-te a outro nivel, terás uma formosura, que não servirá talvez de enlevo aos olhos dos outros, mas de que poderás envidaceer-te.

Estas palavras convincentes não foram por ventura comprehendidas, ou accetadas pela orphã, que chegando-se de novo ao seu interlocutor, ollava para elle fixamente. Os seus olhos, que em eloquencia ganhavam o que o diabo em lindeza, parece que diziam:

—Mas a que proposito veem todas essas sabedorias, sr. pedante?

—Temos, portanto... continuou Gólfim, que encontrava um certo picante de interesse a originalidade da situação... temos uma questio principal, e é...

Nela adivinhando-lhe o pensamento cobriu o rosto com os miós.

—Não é caso para surpresa. Pelo contrario, acho tudo isto naturalissimo. Tu tens um temperamento sentimental, e grande dose de imaginação. Vives-te com elle a vida livre e poetica da Natureza, sempre juntos em innocente intimidade. Elle é um rapaz discreto até á exaggeração, e bello como uma estatura... E a belleza cega feita para enlevo dos que teem vista. Além d'isso a tua bondade e a grandeza do teu coração captivam. Não admira, pois, que te captivasse a ti que és uma creança quasi mulher, ou uma mulher, que parece uma creança. Amas muito o... Amal-o mais que a todas as coisas d'este mundo não é assim?

—Sim, senhor... respondeu Nela soluçando.

—E não podes supportar a ideia de que elle deixe de amar-te?

—Não senhor...

E elle disse-te que te amava? Fez-te juramentos?

—Oh! sim, senhor! Disse-me que eu seria a sua companheira toda a vida. E eu acreitei-o...

E porque não ha de isso ser verdade?

—Disse-me que não podia viver, sem mim e que, ainda que tivesse vista, havia de ser muito mais amigo. E eu vivia contente, e o ser feia e pequena do corpo, e exquista... não me importava, porque, elle não podia ver-me e portanto, de tudo fado a sua escuridão julgava-me bonita. Mas depois...

—Depois... murmurou Gólfim, eternecido até ás lagrimas. Tens razão. Eu só sou o culpado de tudo...

—Culpado, não. O senhor fez uma obra boa. O senhor é muito bom. E ainda bem que... e...

... mas agora ollas para ver. Eu digo ainda bem mais depois de tudo isso devo desapparecer... sim... porque elle ha-de vêr a menina Florentina e ha-de comparal-a comigo... Ora a menina Florentina é tão qual como os anjos, e eu... Comparar-me como ella é o mesmo que comparar um pedaco de um espelho com o sol. Para que me teo eu? Eu sonhei que não devia ter nascido. Para que nasci eu? Deus Nosso Senhor enganou-se: fez-me uma cara e deu-me um corpo enfezado com um coração muito grande de cá dentro. Para que me serve este coração tão grande? Ah! se eu não tivesse mão n'ello, como o meu coração saberia odiar. Mas eu não sei odiar, e, antes de saber o que seja isso quero entender o coração. Só assim deixarei de me atormentar...

—Atormenta-te com ciúmes e atormenta-te a ideia de te veres preterida... Pobre Nela! Nem a instrução que não tens, nem a familia que te falta, nem o trabalho que desconheces podem salvar-te. Ora diz-me: que s'entimentos te despertou a protecção de Florentina?

—... e exorçom... exclamou Nela, estremecendo. Viver com elles, ven-to-as a todas as horas... Sim que elles hão de casar-se. Diz-me o coração que hão de casar-se. Pois se eu sonhei que hão-de casar-se...

—Mas Florentina é muito boa e seria muito tua amiga...

—Tambem eu sou muito amiga d'ella, disse Maria, com altitação. Mas ella veiu tirar-me o que era meu. A menina Florentina é como Nossa Senhora e eu havia de lhe rezar as minhas rezas, acredite... Mas eu não quero que me tire o que é muito meu... E ella havia de tirar-me... Já não tirou... E para onde vou eu agora? Que sou eu? Para que sirvo? Perdi tudo, então vou ter com minha mãe...

E de uns passos em direcção ao abysmo. Mas Gólfim agarrou-a de novo pelos pulso. No-tou então que a pobre rapariga ardia em febre...

—Espera disse elle. Desde este momento, ou queiras ou não queiras, és minha prisioneira. Pertences-me e só háras o que eu quiser. Pobre creança! a formada de sensibilidade ardente, de imaginação viva, de candidez e de superstição, de escantadora! Nasceste para o bem mas o estado selvagem em que tens vivido, o abandono e a ignorancia fizeram-te assim. Que miseravel socie-

dade é esta em que vivemos que de tal arte esquece os seus deveres deixando perder-se um ser como tu! Nunca mais te separarás de mim. Levo-te, caço-te em plena floresta, ferasinhas vestre, e vou ensaiar em ti um sistema de educação... Veremos se sabes ou não faceter este formoso diamante! Não sabes nada! Pois eu patentearei aos teus olhos um mundo novo. Eu te farei ver maravilhas assombrosas, desconhecidas para ti, mas de que terás por certo ideias confusas e vagas. Não sentes no fundo da tua alma... como hei-de dizer?... o rebentão de uma virtude, a mais bella pois que é a geradora de todas as virtudes — a humildade, que tantos gosos íntimos nos dá... vê tu que extraordinário phenomeno! Quando nos vemos inferiores aos outros? Gosos íntimos sim, ao sabermos que os outros valem mais do que nós... Não sabes o que é a abnegação, que nos leva ao sacrificio de nós mesmos e nos inspira o desejo de sermos pequenos para que os outros sejam grandes?

«Saberás tudo isto e aprenderás a pôr a tua fidelidade aos pés da formosura, a encarar alegremente e sem invejas os triumphos alheios, a alargar esse grande coração que te bate no peito, submettendo-o para que não torne a invejar, para que ame todos igualmente, e até os teus inimigos. Serás então o que deves ser, como a natureza te formou: boa.

«Infeliz! Nascesto no meio de uma sociedade christã, e nem christã és! A tua alma vive n'esse estado de naturalismo poético, se acaso é esse o termo proprio... não me entendes, com certeza, mas não importa... n'esse estado em que viveram povos de que apenas ha memoria. E's guiada pelos sentidos e pelas paixões, e a fôrma é um dos teus deuses mais queridos. Para ti é um dos teus deuses mais queridos. Para ti passaram em vão estes dezoito seculos consagrados a sublimação de espirito.

«Que nome merece uma sociedade que assim te deixem ao abandono? Deixou-te vegetar nas trevas de uma miséria sem nada te ensinar, sem te fazer conhecer as conquistas da sciencia, as noções mais elementares que hoje governam o mundo. Nem sabes o que seja uma escola, onde afinal bem pouco se aprende. Nem ao menos essa sociedade vaidosa se deu ao trabalho de te instruir nos preceitos religiosos. Apenas terás entrado n'uma igreja para ver ceremonias que

te não explicaram, e mal saberás balbuciar orações que não percebes! Não sabes nada, nem do mundo, nem de Deus, nem da alma. Mas has-de saber-o. Hei-de transformar-te. Deixarás de ser a Nela de hoje, prometto-ti eu, para seres uma mulher de bem.»

Não affiançamos se Nela comprehendeu este discurso, pronunciado com tal vehemencia e emphase, que o proprio orador se esqueceu da pessoa com quem fallava. Sabemos apenas que Nela se sentia irresistivelmente fascinada, e que as ideas e as palavras d'aquelle homem entravam docemente na sua alma. Dir-se-ia que sobre o espirito d'aquelle creança ignorante se exercia o predomínio poderoso que as intelligencias inferiores exercem sobre as inferiores.

Nela, triste e silenciosa, recostou a cabeça, com confiança, no hombro do medico.

— Ora vem commigo, disse Gólfm de subito. Nela estremeceu. Theodoro notou-lhe o suor da fronte, o frio glacial das mãos: ardia em fôrre.

— Vamos. Vem commigo, repetiu elle. Aqui faz frio.

E pagou-lhe na mão. A fascinação era já tal, que Nela levantou-se e seguiu-o docilmente. Mas pouco depois parou e cahiu de joelhos.

— Oh! pelo amor de Deus! Não me leve lá! Estava pallida e tremula. Na sua phisionomia notava-se uma alteração inquietadora. Theodoro pretendia erguel-a. A pobre nem forças tinha para se mover.

— Está bem, disse elle. Ha dias, aqui n'este mesmo logar, creaguei contigo aos hombros. Farei hoje o mesmo.

E levantou a nos braços possantes. A respiração ardente de Nela queimava-lhe o rosto. A pobre creança deixou-se erguer, desalentada, quasi sem movimentos, como planta arrancada do solo onde deixasse as proprias raizes. Ao acercar-se da casa de Aldeacorta, Theodoro sentiu que pesava menos o precioso fardo que levava nos braços. Nela erguera a cabeça e elevava as mãos ao céu, mas sem pronunciar uma palavra. O medico entrou. Tudo silencio. Uma criada que lhe sahio ao encontro ajudou-o a conduzir Nela aos aposentos de Florentina. A noiva de Paulo estava só na sua alcova, allumada apenas por uma lamparina agonizante, e con-

servava-se ajoelhada no chão com os braços entrecostados a uma poltrona. Ouvia, toda recolhida em si. Ao ver entrar um homem aquella hora, ergueu-se assustada. Grande foi o seu assombro ao reconhecer a orphã.

— Aqui a trago... Que tal? Sou, ou não sou bom caçador de borboletas? disse Gólfm, depositando Nela sobre um sopha.

XX

Um novo mundo

Retrocedámos alguns dias. Quando Theodoro Gólfm levantou pela primeira vez o apparelho a Paulo Penaguilas, o pobre rapaz soltou um grito de espanto, e recuou, estendendo as mãos para a frente como que para se apolar, n'um receio de cair.

(Continúa)

LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL

Capital social 2.400.000.000 réis

13.000.000.000

De salubres pago desde 1864 até 1893

PREMIOS E RESERVAS 5.932.000.000

Registrao voutas licencias, optação de paz em Paris

Equator Atlantico & Union Maritima

Companhia franceza contra o risco maritimo e risco de transporte de qualquer natureza.

Directores — Lima May & Vilboz

LISBOA — Rua da Prata, 59, 2.º



Cunha & Irmão

JOALHEIROS

Objectos de fino gosto em ouro, joias e pratas

199, RUA AUREA, 201

LISBOA

HOTEL DURAND
English Hotel — Lisboa
1, Rua das Flores — Largo de Quinhola
Este hotel, situado na parte mais central de Lisboa, oferece todos os confortos de uma casa de primeira classe.

CESAR A. PAIVA
CIRURGIÃO DENTISTA
SUAS Magestades e Altezas
CONSULTORIO
R. do Arsenal, 100, 1.º
LISBOA

GABINETE HYDROTHERAPICO

do Dr. Manperrin Santos

Medico Director J. Manperrin Santos
Medico Director J. Silvestre d'Almeida

Instalção hydrotherapica completa; duas salas de duchas para homens e mulheres, inteiramente separadas e independentes; gabinete anexo d'electricidade e massagem. Massageio e gymnastica medica, dirigidos por C. de Sousa. Tratamento de doencas nervosas e do estomago.

Aberto das 8 ás 12 da manhã e das 3 ás 5 da tarde
ENTRADAS: CALçada DO DUQUE, 15 LISBOA

HERMINIOS
GRANDES ARMAZENS
BDDO (Rua de St.º Antonio
Rua Sá de Bandeira, 30
Estabelecimento dentro do mesmo prédio.
Caus montada sob a organização dos estabelecimentos congêneros do estrangeiro. Venda de todos os artigos indispensaveis.

Companhia Geral do Credito Predial Portuguez

LISBOA — L. de Santo Antonio da Sé, 19

Emprestimos hypothecarios, em obrigações prediaes a longo prazo — juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 % de 10 a 60 annos. Empréstimos de conta corrente: a juro de 5 % e commissão de 1/2 % de 1 a 9 annos. Depósitos: accitam-se a prazo ou á ordem, vencendo 2 % á ordem e 3 % ao prazo de 3 mezes; 3 1/2 a 6 e 4 % ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto e a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.

VELADO
ESPECIALIDADES: FUMOS EM PACOTINHOS E CIGARROS EM CARTEIRINHAS

Armazem de fazendas e fato feito, por atacado e a retalho
FORNECEDORES DA CASA REAL
J. NUNES CORRÊA & C.º
ESPECIALIDADE D'UNIFORMES
Rua do Ouro, 40, 42 e 44; Rua de S. Julião, 120, 152, 154 e 156 — LISBOA
Fornecem-se com a maior brevidade qualquer fornecimento e encomendas para exportação. — Ateller mechanico para confecção de uniformes. Garante-se em todas as occasoes a sua qualidade, perfeição e modicidade de preço.

FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS & FILHOS

FOSFIODOGLICINA

DE

Lemos & Filhos

Superior ao óleo de fígado de bacalhan,
Superior ás emulsões oleosas,
Superior a todos os depurativos,

na cura das Escrophulas, Rachitismo,
Lymphatismo e Tysica incipiente

Medicamento e alimento, este producto dá resultados seguros e rapidos no tratamento das doenças acima indicadas, quer em creanças quer em adultos. É agradável á vista, ao olphato e ao paladar. Tem a opinião favoravel de professores da Escola Medica, directores dos hospitaes, asylos e dispensarios, notáveis medicos eminentes especialistas.

Ensaiado com exito seguro em todas as casas de beneficencia do Porto.

MARCA E NOME REGISTRADOS

Frascos, 600 réis; caixa de 6 frascos, 38300 réis; caixa de 12 frascos, 69200 réis.

PRODUCTO EXCLUSIVO DA

Pharmacia de 1.ª classe, Lemos & Filhos, Porto

Telephone 309

31, PRAÇA DE CARLOS ALBERTO, 31-A

Cuidado com as imitações e fraudes

A' venda em todas as boas pharmacias e drogarias do paiz

FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS & FILHOS



Agencia Financial

DE

PORTUGAL

R 1a General Camara—RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em todas as capitães de districto e sédes dos concehlos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.



Exportadores para todos os Estados do Brasil

Officinas montadas com todos os milligramas modernos

AGENCIA EM TODOS OS ESTADOS

TELEGRAMAS PINTO MONTEIRO Casa de Correia-91

101, RUA DO HOSPICIO, 101

RIO DE JANEIRO

CHAPELARIA DA MODA

DE

JOÃO ALVES DA COSTA

32, Rua Garrett, 34-(Chiado)

LISBOA

Completo sortimento de chapues e bonnets para homem e creança, nacionaes e estrangeiros em seda, feltro e palha.
chapues CLAQUES, ditos para fardas, librés, etc.

DEPOSITO das aguas minero-medicinaes de MONDARIZ

CANDIEIROS

Em todos os generos

Canalizações para agua e gaz

Tubos de chumbo,
borracha, lona, latão e ferro
Louça de ferro esmaltado
Retretes de varios systems
Objectos proprios para brindes

Casa José d'Oliveira

21, 22, L. S. DOMINGOS, 23, 24

LISBOA



PINTO ALVES & C.^A

(Casa fundada em 1870)

PERNAMBUCO

Armazem de assucar

Estivas e Cereaes

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Caixa postal 44

Endereço telegraphico

PINTALVES

COMPANHIA ANTARCTICA PAULISTA



(Vista da Fabrica)

A melhor cerveja conhecida no Brasil

Lager — Pilsener — München — Stout (preta)

Agentes: { em Santos = I. KIAUNIG.
em Campinas = B. F. NEGRÃO.
no Rio de Janeiro = F. W. KRAUSE, rua da Alfandega, 56

Agentes geraes — **Zerrenner Bülow & C.^a** — Rua de S. Bento, 81 — S. PAULO

Fabrica em Agua Branca

Escritorio — Rua Formosa, 1

JOSE SILVA & C.^A



Casa fundada em 1879

GRANDE DIPLOMA DE HONRA
DA EXPOSIÇÃO DO 4.º CENTENARIO

CASA MATRIZ E FABRICA

R. de S. Pedro, 38, 42 e 44

Esquina da

RUA DA QUITANDA

RIO DE JANEIRO

FILIAL

EM S. PAULO

Rua Florencio de Abreu, 34



Casa matriz - RIO

Unico estabelecimento
no Rio de Janeiro
com officinas para fabrico
de arreios
de qualquer qualidade



COUROS,
ARREIOS
E ARTIGOS
PARA VIAGEM

Importação
de couros, e de
todos os artigos
para
selleiros, correiros,
segeiros
e sapateiros



Casa filial - S. PAULO